ANO 17.º QUINTA-FEIRA, 10 DE FEVEREIRO DE 1939 N.º 5468

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 40 CENTAVOS
Editor — JOAO CHRYSOSTOMO DE SA
ADMINISTRAÇÃO — Rua da Rosa, 57, 2.º
Endereço Telegrafico: DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, composição e impressão
RUA LUZ SORIANO, 44
TELEFONES — 2 0271, 2 0272 e 2 0273

ESTE NUMERO FOI VISADO PELA COMISSAO DE CENSURA

POR estes dias vai ser aberta na Livraria Editora Antonio Maria Pereira, da rua Augusta, a assinatura para a obra «Peregrinações em Lisboa», de Norberto de Araujo e direcção artistica de Martins Barata.

Esta obra olisiponense, de divulgação, com fundo erudito e literario, actualizando em sinteses ordenadas quanto até agora se tem escrito sobre bairros e freguesias, compõe-se de vinte e cinco livros ou jornadas, dos quais sete estão concluidas e duas se encontram a sair dos prelos, com estampas, graficos, mapas, gravuras.

O primeiro livro dá uma «peregrinação» historica retrospectiva, e seguem-se os dois que tratam das abas do Castelo, lados do oriente e ocidente — Madalena, Sé, Loios, S. Cristovão até a Mouraria, incluindo Sé e Castelo — e depois Bairro Alto, exterior e circuito, Patriarcal, S. Pedro de Alcantara, Camões, Calhariz, S. Roque. Imediatamente, já nas mãos dos artistas, estão os livros que tratam Santos, Lapa, Madragôa, Esperança e Janelas Verdes, seguindo-se os VI e VII — Pena, Santana, Estefania, e logo Alcantara e Junqueira.

Esta obra — que abrange Lisboa de Belem ao Poço do Bispo — é tratada por um aspecto novo, simples mas muito completa, destinada a toda a especie de publicos, desde aquele que se inicia até ao dos eruditos e coleccionadores.

* * *

A «REVISTA de Marinha» comemorou ontem o seu primeiro aniversario. Iniciativa simpatica, e não de facil execução num meio acanhado como o nosso, já disfrutando de um prestigio sólido, e orientada superiormente pelo nosso distinto camarada Mauricio de Oliveira, a «Revista de Marinha» tem, a-pesar da sua intencional modestia, desempenhado com dignidade a sua função de propaganda da Armada, na exaltação das tradicionais virtudes navais portuguesas.

Com este pretexto se reuniram ontem á roda do nosso camarada Mauricio de Oliveira, e sobretudo cercando o pensamento patriotico que norteia a «Revista de Marinha», os altos comandos da Armada, numa significativa festa, que não deixou de ser de homenagem á Imprensa, e da qual compartilhou o sr. Antonio Maria Pereira, editor.

* * *

A PROPOSITO de um recurso interposto no Supremo Administrativo pelo engenheiro sr. Raul Cesar Ferreira, tambem professor da Escola Naval, contra uma decisão tomada pela Camara Municipal de Lisboa, que lhe negou legitimidade em face do direito que o recorrente tem de assinar projectos urbanos — os juizes daquele tribunal lavraram um acordão, que estabelece doutrina — e que por isso tem interesse — sobre legitimidade, e que em conclusão revoga a sentença.

LUMEN

Enquanto o mundo, fôr mundo, a verdade ha-de ser como um espelho onde muitos rostos se miram, mas onde nenhum fica para sempre. Ha divergencias, discussões, lutas de doutrinas, hipoteses que buscam fazer-se certesas e experiencias que talham na nrturesa o seu restrito campo de estudos. São Tomaz de Aquino, depois de Platão, Aristotles, Santo Agostinho e tantos outros, formou primeiro o seu pensamento religioso e, á luz dele, abordou o problema filosofico. Descobriu o Ser Absoluto, amarrando junto dele o Relativo.

João Ameal, que começou a sua carreira literaria nas letra profanas, com um vago idealismo impressionista, feito de surpresas e delicias sensoriais, derivon pouco a pouco para a meditação das cousas humanas e serias, internando-se no labirinto dos problemas onde as inquietações formulam a seguinte interrogação:

— Qual o valor do espirito e da acção na imensa grandesa do «cosmos»?

O seu recentissimo livro — *São Tomaz de Aquino* marca a primeira tase da sua arte de se liberar. Passado o periodo do deslumbramento juvenil, o embalar suave da musica dos sentidos, ei-lo a contas consigo mesmo:

— E' a vida uma mera espuma de sensações que se dissolvem ou através dela transparece a «luz infinita que nunca se extingue»?

Num país onde a retorica, nos seus varios matizes, se dispensa de penosas e demoradas reflexões na averiguação dos fenomenos e dos «monadas», João Ameal entendeu que as palavras nada significam, enquanto, além duma prosodia opulenta de sonoridades, elas não atingem a expressão viva e profunda do misterio que nos envolve, como a tunica de Nessus.

A fisica do Universo, que preocupou os gregos até Socrates, não basta para criar uma harmonia na nossa consciencia, visto esta constituir um outro Universo psicologico, moral e religioso que está para com o primeiro como remo para com o mar. E' necessario descobrir o homem, porque só ele constitui, na Criação inteira, o principio e a forma organizadora do drama e da historia, na sua essencia eterna.

O autor da *Summa Theologica* tomou sobre si a tarefa esmagadora de arrancar a Idade Média á dispersão e rebeldia das doutrinas, reconstruindo numa sintese poderosa o saber perene, á manar de Deus para a razão e a firmar esta em alicerces reputados inabalaveis.

Que importancia devemos ligar á ciencia?

Qual o alcance do conhecimento?

São Tomaz de Aquino, em vez de diminuir humanidade, abandonando-a á noite intermina dos enigmas e das duvidas, lançou-lhe um cabo salvador, ensinando:

— Podemos confiar na razão como a alma confia na revelação, visto a origem duma e doutra ser identica.

No seu livro, João Ameal, após três anos de esgotante trabalho, interpretando os textos latinos sem lhe alterar a espiritual substancia «informadora», inclinando-se respeitosamente sobre a obra daquele que Jacques Maritain apelida de *votre et notre puissant et génial Jean de Saint-Thomas*, chega ás fontes limpidas onde saciou a sua sêde de humanismo. São Thomaz de Aquino jamais separou o amor e a reflexão, por entender que aquela e esta são elementos da mesma e unica realidade: Deus, o Homem e o Universo aparecem, na intuição afectiva ou na especulação racional, sem se deformarem nem se confundirem.

Nem o gosto kantiano pelas antinomias nem a absorção do ser pela consciencia, segundo o idealismo de Hammelin, são de admitir no tomismo. A Escolastica fundou, levantou, equilibrou e disse:

— Nasci no claustro e demando a duração na mutabilidade dos tempos.

João Ameal deu-nos um livro pensado, sentido, cimentado com ideias que são simultaneamente actos de fé — livro que, se não for apreciado devidamente, aguardará a sua hora de justiça.

PAUL Reynaud, uma das grandes figuras da França moderna — a quem está reservado um futuro de destaque absoluto, não é profecia prevê-lo — fez ha dias uma conferencia, durante a qual teve a seguinte frase:

— Não é dizer a verdade que constitui perigo, mas ocultar essa verdade.

A frase parece pronunciada para justificar a nitidez, o desassombro que os responsaveis pelos destinos dos povos, que estremecem a verdade, põem nas suas mais sérias declarações, acêrca dos assuntos mais graves da politica militar e naval.

Os povos que encobrem os «seus factos» perante os proprios compatriotas, julgando assim ladear dificuldades — acabam sempre por se arrepender.

A verdade é que chega a dar impressão de imprudencia a confissão de que «falta-nos isto», «não possuimos quanto precisamos», «é necessario que nos unamos», etc., etc., aparentes gritos de alarme, a final preferiveis mil vezes aos brados de desafio que nunca se chega, nem nunca se chegará a saber, que fundamento real possuem.

* * *

MONSENHOR Antonio Joaquim Alberto, que acompanhou sempre na sua vida episcopal o falecido e bondoso cardial D. Antonio Mendes Belo, quer no Algarve quer na Patriarcal de Lisboa, e mesmo em Roma durante o Conclave de 1922 — foi agora nomeado paroco da freguesia dos Martires, de Lisboa, uma das de maiores tradições na capital, paroquia cuja origem está ligada á conquista da cidade em 1147, e que sucedeu aos velhos Martires, pequeno templo, a S. Francisco, e da primeira idade da Nação.

Mgr. Joaquim Alberto, conego da Sé Patriarcal, paroquiara já S. Julião desde 1912.

E' uma personalidade simpatica e respeitavel no clero paroquial de Lisboa, e cujo prestigio irradia mesmo para além das esferas eclesiasticas. D. Manuel Cerejeira escolheu bem. E nós cumprimentamos o novo paroco dos Martires, freguesia tipo de Lisboa de sempre.

* * *

PREVENDO todas as hipoteses, o governo inglês ordenou a fabricação, aliás já concluida, de 26 milhões de mascaras contra gás, destinadas á população do Reino Unido. Londres, á sua parte, armazenou 9 milhões.

Cada cidadão inglês tem hoje a sua mascara de defesa pessoal, e de um sistema aperfeiçoado, o menos possivel incomodo no seu uso.

As fabricas continuam, contudo, a produzir, a um ritmo de 650.000 mascaras por semana.

* * *

FOI publicada a portaria que nomeia o capitão-tenente José Guerreiro Brito para comandante do contra-torpedeiro «Dão».

O dia religioso

AMANHÃ, 11—Aparição de Nossa Senhora de Lourdes.

Lausperene, está na igreja dos Santos Reis, ás 9, missa; ás 18, terço de benditos.

Graça, ás 11, missa no altar do Senhor dos Passos. Exposição da imagem do Senhor dos Passos nas igrejas do costume.

BOLSA DE LISBOA

10 de fevereiro

CONTADO

Valores	Efectuado	Compra	Venda
Fundos do Estado			
Consolidado 4 1|4 1936 s/.	956$00	956$00	—
» 4 0|0 1934	990$00	989$5	990$00
Emprestimo 4 1|2 0|0 1912		2.2[illegible]$00	
Consolidado 4 1|2 0|0 1933	1.027$00	1.0[illegible]7$00	1.028$00
» 4 3|4 1934	1.15[illegible]$[illegible]	1.149$00	1.15[illegible]$[illegible]
» 5 1|2 0|0 1933	1.06[illegible]$00	1.063$00	1.064$00
Externo 3 0|0 1.ª Série	1.723$00	1.72[illegible]$00	1.724$00
» 3 0|0 2.ª	—	1.833$00	
» 3 0|0 3.ª	—	—	1.72[illegible]$00
Cautelas seguro 3.ª Serie	—	—	—
Acções			
BANCOS			
Espirito Santo e Comercial de Lisboa	—	770$00	778$00
Lisboa & Açores, port.	370$00	368$00	372$00
Portugal, portador	—	1.120$00	—
C.as DE SEGUROS			
Bonança	—	—	—
Fidelidade	—	—	—
Mundial	244$00	245$00	248$00
Nacional			755$00
Sagres	—	1.28[illegible]$00	1.45[illegible]$00
Tagus	—	—	—
C.as DIVERSAS			
C. P. ordinarias	11$10	11$[illegible]0	11$30
» » privilegiadas			—
Aguas de Lisboa, port.	—	250$00	—
» ass. 1934	—	119$00	
» ass. 1936	—	11[illegible]$[illegible]0	148$[illegible]0
Credito Predial	13$70	1[illegible]$70	1[illegible]$[illegible]8
Gaz e Electricidade	312$00	31[illegible]$50	312$00
Portugal e Colonias	87$00	86$90	87$[illegible]
Navegação	12[illegible]$00	1[illegible]6$[illegible]0	12[illegible]$50
Portuguesa de Pesca	285$00	283$00	
» de Tabacos	408$50	4[illegible]8$50	409$00
Tabacos de Portugal	356$[illegible]0	355$[illegible]0	357$
Tabaqueira	—	—	
União Electrica Portug.	—	—	—
COLONIAIS			
Açucar de Angola	—	39[illegible]$00	393$[illegible]
Busi — 1.ª emissão	—	48$00	4[illegible]$[illegible]0
» — »		—	
Ilha do Principe, as.	385$00	381$00	389$00
Obrigações			
C. P. [illegible]	199$00	199$00	200$00
Prediais 5 0|0 — 1932 1.ª s.	—	—	
» [illegible] 0|0	103$50	103$00	104$00
União Elect. Port. 6 1|2 0|0	—	[illegible]14$00	—
» » » 5 0|0	—	1[illegible]$00	105$00
Busi 4 1|2 0|0	—	118$[illegible]0	120$00

HENRIQUE DE BARROS GOMES

Corretor oficial da Bolsa de Lisboa

TELEF. 2 5482 RUA S. JULIÃO 6[illegible]

	[illegible]	[illegible]
Londres	110$15	110$19
Paris	$72,1	$72,1
Madrid	1$[illegible]8,0	1$28,[illegible]
New-York	21$97,7	21$98,9
Zurich	5$09,7	5$1[illegible],[illegible]
Roma	1$15,7	[illegible]$1[illegible],8
Bruxelas	3$72,6	3$72,8
Amsterdam	12$28,1	1[illegible]$[illegible]8,7
Berlim	8$87,4	8$[illegible]7,5
Praga	$77,1	$77,[illegible]
Rio de Janeiro	1$30,5	1$30,5
Libra ouro	—	—

Salão Luso Artistico

Adelina Fernandes

Hoje canta a distinta actriz **Adelina Fernandes**, Maria Carmen, Ressurreição do Nascimento e Domingos Silva. Sempre os melhores programas e o maior bem-estar. O Luso é sempre marcante no seu genero. RUA NOVA DA TRINDADE

Retiro da Severa

Rua Antonio Maria Cardoso, 5

Telefone 2 5979

Hoje ás 21 horas.—Noite da Moda. **Berta Cardoso**, Adelina Silva, Raquel de Sousa, Julio Proença, José Porfirio, José Tovar.

Orquestra Tipica Algarvia. **Carnaval de 1938**, sabado 19,—1.º baile de Mascaras—1.ª Noite de alegria. Reserve já a sua mesa.

O Porto dia a dia

A caridade e os postos emissores

Ha um mês, nestas mesmas colunas, fizémos éco duma pequena parte do muito que se dizia acêrca dos peditorios feitos pelas emissoras desta cidade durante as festas do Natal, do Ano Novo e dos Reis, em beneficio de asilos ou casas de caridade. Sendo seis os postos emissores particulares recebemos cumprimentos e felicitações dos proprietarios da Invicta Radio, da O. R. S. E. C., do Laboratorio Electro-Mecanico e do Ideal Radio, os quais, tendo por vezes feito, através dos seus microfones os mais variados apêlos em prol de diversas instituições, sempre agiram o mais desinteressadamente possivel, pelo que lhes têm sido endereçados os mais expressivos agradecimentos.

O caso a que levemente nos referimos, então, está, felizmente, confirmado. Uma emissora desta cidade fez um contrato com a direcção do Asilo Profissional do Terço, pelo qual se obrigou a fazer um apêlo em beneficio dos seus 150 internados, durante o periodo que duraram as chamadas «festas do ano», mediante a percentagem de 50 0|0!...

Quem ouviu o tom de sincera e comovedora piedade do locutor do posto em questão, ao referir-se ás 150 criancinhas que na noite de Natal não teriam talvez mais um bocadinho de pão do que o normal, não hesitou um momento sequer em telefonar-lhe para que contasse com o seu óbulo.

Pela nossa parte—e tambem contribuimos na noite da consoada—aguardámos muito mais de meia hora a nossa vez de telefonar, e, não o tendo conseguido, tomámos a resolução de lá ir pessoalmente entregar a nossa modesta contribuição. Grande era a azáfama das pessoas que recebiam as comunicações, e, só algum tempo depois é que chegou a altura de se estabelecer a ligação telefonica que tinhamos solicitado.

Por esta circunstancia, se depreende que, fazendo o posto em referencia varias e demoradas emissões, dia e noite, durante dias consecutivos, bastante elevada deve ter sido a colheita em beneficio dos pobres rapazinhos do Terço. Tal não sucedeu porém.

E' de esc. 11.500$00 o total dos recebimentos acusados pelo posto emissor, tendo até agora, dado entrada nos cofres do Asilo do Terço, Esc. 4.100$00. Lamentavelmente, os «beneméritos» proprietarios daquela casa não têm elementos que habilitem os directores daquele estabelecimento humanitario a testemunhar, seja a quem fôr, o seu profundo reconhecimento pelas esmolas recebidas. Não há qualquer relação de nomes, não há escrituração das verbas entradas, e não houve tambem, por parte da direcção do Asilo do Terço o menor «contrôle», a-pesar dos seus internados terem andado alguns dias na cobrança de alguns donativos que não foram entregues no balcão do posto emissor.

Quanto a nós, esta transacção—porque outra coisa se não lhe pode chamar—foi desde o seu inicio, o mais irregular possivel. Bom será que as autoridades tomem as providencias que o caso requere para que o publico, quando amanhã lhe fôr solicitada a sua ajuda em beneficio exclusivo de qualquer instituição de caridade, não responda com qualquer impropério, daqueles de fazer córar um preto.

A' Direcção Geral de Assistencia cumpre talvez, em face do sucedido, determinar a proibição, ás instituições de caridade ou assistencia, de «negocios» feitos á sombra dos seus nomes, para que casos como o que acabamos de referir se não repitam.

O que parece incrivel é que haja quem não tenha escrupulos em pedir para os pobres, guardando metade ou mais para si!...

Sempre houve quem abusasse da boa fé e generosidade dos tripeiros, fazendo fortuna a distribuir esmolas!... E' dos livros—mas deve acabar!

G. de C.

Leiam hoje o jornal humoristico SEMPRE FIXE.

Sociedade Luso-Africana

do Rio de Janeiro

A Sociedade Luso-Africana do Rio de Janeiro prossegue na sua benemerita cruzada pró-aproximação luso-brasileira e pró-propaganda e defesa das colonias portuguesas, no Brasil.

Depois do exito que obteve o seu «stand» na Feira Internacional de Amostras, a patriotica instituição está prosseguindo na publicação regular do seu «Boletim» de que deve saír brevemente o numero correspondente ao oitavo aniversario da sua fundação, com colaboração qualificada de alguns dos mais ilustres coloniais portugueses e de eminentes escritores brasileiros.

A Luso-Africana acaba tambem de eleger os seus corpos gerentes para 1938-39 que ficaram assim constituidos:

Assembléa geral: — Presidente, Dr.ª Fernanda de Bastos Casimiro; 1.º secretario, Francisco das Dôres Gonçalves; 2.º secretario, Herculano A. Fernandes.

Directoria: — Presidente, Antonio Coelho Andrade Sequeira; vice-presidente, Anibal Teixeira; 1.º secretario, Antonio de Sousa Amorim; 2.º secretario, Bernardino Alves de Oliveira Meca; 1.º bibliotecario, Marcel Augusto de Almeida; 2.º bibliotecario, Antonio Ferreira Tavares; tesoureiro, Domingos José Veloso; suplentes, Antonio Queiroz da Silva, Humberto da Cruz Veloso, Artur Cardoso Maltez e Viriato Nunes.

Comissão fiscal: — Antonio Magalhães Bastos, Antonio José Fernandes Junior, Bernardino Casimiro, dr. Sabino Teodoro e Armando Cardoso.

Os novos corpos gerentes propõem-se continuar com entusiasmo a realização do programa da Luso-Africana, digno por todos os motivos da simpatia de todos os portugueses que se interessam pelo imperio colonial português e pela aproximação luso-brasileira.

Baile dos Estudantes de Medicina

No dia 25 proximo efectua-se nos salões nobres da Faculdade de Medicina o baile anual a favor da Associação de Estudantes daquele estabelecimento de ensino. Colaboram nesta festa, durante a qual se farão ouvir duas orquestras dirigidas por Antonio Oceira, alguns dos mais festejados artistas do nosso teatro. Os bilhetes que dão direito a ceia podem ser pedidos na Faculdade, redacção da revista «Medicina» (tel. 4 2185) ou pelos telefones 2 4468 e 46566.

QUEDA FATAL

Faleceu no hospital de D. Estefania a menor Maria José da Silva, de 6 anos, que deu há dias uma queda de uma camioneta.

AGRADECIMENTO

Dr. Amandio Pinto

Denis Salgado, reporter-fotografico do «Diario de Lisboa», que ha pouco sofreu uma intervenção cirurgica, na qual foi operador o distinto cirurgião Ex.mo Sr. Dr. Amandio Pinto, vem por este meio tornar publico o seu agradecimento a S. Ex.ª pela maneira proficiente como o operou e bem assim ao Ex.mo Sr. Dr. Octavio Gomes da Silva, que ajudou.

Ao Ex.mo Sr. Dr. João Ribeiro da Silva igualmente agradece a sua interferencia e amizade que tornou possivel esta intervenção.

Aqui deixa tambem expresso o seu reconhecimento ao pessoal de enfermagem do Instituto Medico Central da Misericordia de Lisboa e em especial á enfermeira Ex.ma Sr.ª D. Ilda Pita, pela dedicação e carinho que todos lhe dispensaram durante a sua hospitalização.

Aos seus amigos e camaradas que o visitaram e que durante a sua doença se interessaram pelo seu estado, um grande abraço de gratidão.

«A Voz do Operario»

tem meio seculo de existencia

A benemerita sociedade «A Voz do Operario», que tantos serviços tem prestado em materia de instrução e de beneficencia, festeja, de 13 a 20 do corrente, os seus 55 anos de vida, com um programa cheio de atractivos, que servirá não só a proporcionar aos seus socios alguns divertimentos, como a prestar homenagem á obra levada a efeito pela patriotica sociedade em meio seculo de existencia.

Durante essa semana, realizar-se-á, num local do centro da cidade, uma concentração de 4.200 crianças que frequentam as escolas da «Voz do Operario», que assistem depois a uma «matinée» oferecida pelo empresario do Coliseu dos Recreios, sr. Ricardo Covões.

No dia 15, pelas 15 horas, a sede da Sociedade é visitada pelas direcções, socios e familias de socios das agremiações regionalistas. A' noite, efectuams-e no salão-teatro da «Voz do Operario» um espectaculo com a representação da peça «A morte civil», pela companhia Alves da Cunha.

O sr. dr. Hernani Cidade realiza, no salão de festas daquela instituição, na noite de 16, uma conferencia sôbre «O povo na moderna literatura portuguesa».

Por intermedio de diversos postos de T. S. F. realizam-se durante a referida semana palestras de vulgarização da actividade beneficente e educativa da «Voz do Operario».

EMISSORA NACIONAL

Com a colaboração de Augusto de Santa Rita e outras individualidades do meio artistico e literario, a Emissora Nacional inaugurará amanhã, ás 18 horas, «A meia hora para operarios», rubrica que constará de ligeiras palestras de vulgarização de boas doutrinas, numeros de musica e canto sobre temas populares portugueses, recitações de poesias, e leitura de paginas da nossa historia e da nossa literatura.

Em periodo experimental «A meia hora para operarios» realizar-se-á de inicio, uma vez por mês, ás quintas-feiras, mas se os resultados fôrem os que se prevêem a sua frequencia será maior.

CRISE DE TRABALHO

S. JOÃO DA MADEIRA, 9. — O concelho de S. João da Madeira está a atravessar agudissima crise de trabalho. As fabricas de chapeus, de calçado e de fundição encontram-se, por falta de encomendas, em regime de laboração reduzida; os operarios da construção civil tambem de pouco trabalho dispõem, mas em muito piores circunstancias se vêem as centenas de rurais desta região, que neste concelho costumam buscar ocupação, especialmente nas obras do Municipio, agora paralisadas por falta de recursos camararios.

Nova cabine telefonica

NABAIS (SERRA DA ESTRELA), 10.—Inaugurou-se hoje nesta localidade, com grande entusiasmo da população, uma cabine telefonica.

Mercês honorificas

O Conselho da Ordem da Liga da União Latina, por proposta do seu presidente, o notavel escritor conde Raoul Follereau, condecorou a eminente cantora condessa Mornati Trindade, correspondente em Portugal do importante cotidiano italiano «Corriere Adriatico».

«A MULHER DE 1938»

Qualquer que seja o tom da pele ou a côr do cabelo «a mulher de 1938» encontra o «seu» baton nas sete encantadoras nuances do *Michel*—o baton que dá vida e beleza aos labios e os mantem frescos e macios durante todo o dia.

Blonde (natural) e *Capucine* (laranja) para loiras. *Brunette* (natural) e *Cherry* (escuro) para morenas. *Raspberry* (framboise). *Scarlet* e *Vivid* (tons vivos).

Baton pequeno 3$00, normal 9$50 e luxo 26$00. Procure *Michel* nas boas casas e na Perfumaria da Moda, ao Chiado.

AERO-PORTUGUESA

33, R. do Alecrim, 2.º — Telef. 2 3371

Partida aos domingos, ás 8 e 15

PORTUGAL-AMERICA DO SUL em 48 horas

Entrega das correspondencias para: MARROCOS, AFRICA OCIDENTAL FRANCESA GUINÉ PORTUGUESA E FRANCESA; LIBERIA, COSTA DO MARFIM E DO OURO E AMERICA DO SUL na CENTRAL DOS CORREIOS (Rua do Arsenal).

até ás 6 horas da manhã de DOMINGO

PASSAGEIROS para Marrocos, Africa Ocidental Francesa, Europa, etc. **MERCADORIAS** para Marrocos, Africa Ocidental Francesa e America do Sul.

Informações. Wagons-lits // Cook — Agencia Havas — Turismo de Portugal

MOBILIAS DA GRANJA

TAPETES E ESTOFOS. OS MAIS BELOS MODELOS POR PREÇOS QUE NAO ADMITE COMPARAÇAO. EXPOSIÇÕES PERMANENTES. Calçada do Sacramento, 6 (ao Chiado) — LISBOA

Metal distendido

PARA CIMENTO ARMADO

Tabiques, tetos, etc.

CASA LINO

Rua Bacalhoeiros, 113 — Telef. 2 1374 — LISBOA —

Venda de um selo especial

cujo produto se destina á conclusão do monumento ao rei Alberto, no Yser

O ministerio dos Correios, Telegrafos e Telefones da Belgica, desejando manifestar toda a sua simpatia ao monumento que os antigos combatentes estão a construir na margem do rio Yser, á memoria do rei Alberto, vai emitir, em papel especial, um selo representando a «maquette» do monumento juntamente com a efigie do rei Alberto com o capacete.

O selo terá o valor de francos belgas 2,45 e mais 7,55 de sobretaxa, cujo produto será inteiramente destinado á conclusão do monumento.

Este selo será emitido em 17 de fevereiro corrente, unico dia de emissão e data do aniversario da morte tragica do rei Alberto.

As inscrições (10 francos belgas por fôlha) devem ser dirigidas ao «Comptable du bureau des Postes de Bruxelles I» (Belgica) por meio de transferencias ao «compte cheques-postaux n.º 55630» (conta cheques postais, em Bruxelas), ou por vale de correio, cheque ou carta registada.

Todos os pedidos que sejam feitos nesta conformidade, o mais tardar até 15, serão atendidos integralmente.

CARTAZ

TEATROS

Nacional—A's 21 e 30—«Recompensa».
Avenida—A's 21 e 30—«A Sopa Juliana»
Eden—A's 20 e 45 e ás 23—«Fanfarra».
Variedades—A s 20 e 45 e ás 23—«Olaré quem brinca!»

CINEMAS

S. Luiz—A's 21 e 30.
Tivoli—A's 21 e 30.
Politeama—A's 21 e 15.
Trindade—A's 21 e 30.
Capitolio—A s 21 e 15.
Central—A's 21 e 30.
Chiado Terrasse—A's 21 e 15.
Condes—A's 21 e 30.
Lys—A's 21 e 15.
Odeon—As 21 e 15.
Palacio—A's 21 e 30.
Olimpia—A's 14 e 30 e ás 21.
Paris—A's 21 e 30.
Rex A s 21
Royal—A's 21
Salão Ideal—Rua do Loreto.

Teatro Nacional
Hoje — A's 21 e 30
A grandiosa peça em 3 actos original de **Ramada Curto**
RECOMPENSA

PASTELARIA FERRARI
Almoços, lanches e b[illegible]

TEATROS E CINEMAS

Imagem do dia

Uma das qualidades que impõem tecnicamente, «A Rosa do Adro» é a sua «decoupage». Trabalho dificil, para qualquer realizador, mesmo inteligente. Havia que mover uma quantidade enorme de planos, e acompanhar, em todos os seus pormenores, uma intriga que passa em variadissimos locais, com multaneidade instantanea. Chianca de Garcia, sem defraudar o motivo de nenhuma cena da sua intrincada acção, realizou um verdadeiro «tour de force». Não é exagero dizer que «A Rosa do Adro» é a produção portuguesa, mais movimentada, mais agitada, e que a-pesar disso mantem, claramente, o seu nexo, o seu equilibrio. Obteve-se isto graças á «decoupage», esplendidamente estruturada, que mereceu os mais rasgados elogios ao Barão de Mandelstamm, autoridade indiscutivel na materia e realizador consagrado de Hollywood. Eis por que afirmamos que A «Rosa do Adro» é um prodigio de tecnica, na sua exemplar e impecavel construção.

Atrás do reposteiro

Realiza-se hoje, no Maria Vitoria, o ensaio geral da nova revista deste teatro, «A Praça de Alegria», efectuando-se depois de amanhã a sua estreia, em duas sessões.

—Na sede da Juventude Chelense realiza-se no dia 12 uma grande festa de homenagem ao «Rancho Termo de Lisboa», que tomou parte na festa vindimaria, com a presença dos seus dirigentes, o realizador Piero, Daniel Coimbra e maestro Bernardo Ferreira, e com um brilhante programa.

—O Nacional continua a registar todas as noites verdadeiras enchentes com a peça de Ramada Curto. Pode dizer-se que «Recompensa» está interessando toda a população da capital, que pretende vêr a sensacional obra do distinto dramaturgo e que é interpretada por um conjunto artistico dificil de exceder.

—Prosseguindo na sua «tournée», até ao Carnaval em Torres Vedras, a companhia Adelina-Aura Abranches vai agora percorrer os teatros de Chaves, Mirandela, Bragança, Vila Pouca, Matozinhos, Aveiro e Ovar.

—Sob a direcção musical do maestro Del Pino, prosseguem no Avenida, os ensaios da fantasia «Rosmaninho», a que Janou está imprimindo grande actividade na parte coreografica, com um grupo de 20 «girls» portuguesas.

—Beatriz Costa está já ensaiando no Sá da Bandeira, do Porto, o papel que vai interpretar na opereta «O Pardal de S. Bento», de Arnaldo Leite e Campos Monteiro, uma figura popular do meio portuense.

—Estão já firmados contratos com varios grupos de artistas para os espectaculos de Carnaval em Evora, Torres Vedras, Portalegre, Elvas, Setubal, Viseu e outras cidades do país.

—No proximo dia 15 devem começar no estudio da Tobis as filmagens dos interiores do filme «Fidalgos da Casa Mourisca», realização de Artur Duarte.

—Nos meios teatrais corre com insistencia o boato que, durante o proximo verão, será adaptada a teatro uma casa de espectaculos de Lisboa que sempre funcionou com cinema desde a sua inauguração.

—Depois dos actuais espectaculos de comedia deixarão o elenco do Avenida, o actor Assis Pacheco e a actriz Lucia Mariani.

—Consta que para o elenco artistico que no Apolo vai representar a revista «Chale e lenço» vai ser convidado o actor Santos Carvalho (Manuel) que, de regresso do Brasil, chega a Lisboa depois de amanhã.

«A carruagem de Sua Alteza», no Odéon e Palacio

Sonya Henie já não é apenas uma gentil patinadora. Neste seu filme prova ser tambem uma apreciavel «vedeta» de cinema. «A carruagem de Sua Alteza», em que aparece como primeira figura, ao lado de Tyrone Power, representa a coroação artistica da graciosa campeã do patim, com todo o instrumental de belas canções e de bailados magnificos, e um acompanhamento de duzentos bailarinos patinadores. O filme, que é esplendido, grandioso e amavel, tem excelente fotografia, amplamente iluminada, clara e optimista.

Acompanhando este filme de Sonya Henie, figura, no novo programa do Odeon e do Palacio, outro de Warner Olando, o famoso policia oriental Charlie Chan, esta em Brodway e descobrindo um crime que intriga toda a gente, e os proprios espectadores, excepto ele, o «detective» da tranquilidade imperturbavel, decifrador seguro e infalivel de todos os misterios.

Complementos interessantes, com reportagens actuais.—R.

Sabado: estreia no Coliseu de grandes novidades

Tom Katz Saxophone Six é uma das atracções musicais mais extraordinarias da actualidade. Fazem parte da Grande Companhia de Arte Moderna que se estreia no Coliseu no proximo sabado. São os reis do ritmo, os «virtuoses» dos instrumentos de palheta, em que executam dificilimos trechos com as mais curiosas instrumentações e sempre á maneira de comediantes. Numero original e assombroso, vai causar a maior das sensações, bem como os Waltons, o Ballet Matlinsky, o Teatro Joé Piccoli, Jimmy & Charlie, todas as atracções, enfim, deste raro e sensacional conjunto artistico. Bilhetes á venda.

Novidades CINEMATOGRAFICAS

«Três artelheiros»

Nesta epoca de Carnaval a farsa está naturalmente indicada para distracção do nosso espirito cansado das coisas sérias da vida. No entanto, cada vez são mais raras as boas farsas, ou sejam as que nem resvalem para o campo clownesco, nem se sirvam de gestos grosseiros ou deselegantes que choquem. E como são raros, quando uma surge devemos gozá-la como tratamento para os nossos nervos esgotados pela luta pela vida.

E esse o caso da farsa denominada «Três artelheiros» que em breve vai ser estreada num dos cin[illegible]as mais queridos do publico de Lisboa, dias antes do Carnaval, destinada depois a completar os programas desta epoca de folguedos.

«Três artelheiros» tem graça ás toneladas.

«Casta Suzana»

Haverá alguem que não tenha ouvido falar nessa graciosissima comédia que se chama «Casta Suzana», que se tem representado em todas as linguas, em todas as partes do mundo? Cremos que não e que todos desejarão vê-la e ouvi-la no cinema, onde as cenas podem desenvolver-se com um brilho que o teatro não permite.

«A Casta Suzana» é a comédia esfusiante que resulta das situações mais inesperadas. Mas não tem sentido pecaminoso, nem frases dubias. O que a caracteriza é a alegria, o movimento, a vivacidade, a juventude.

Julgamos saber que «A Casta Suzana» será apresentada em Lisboa, logo a seguir ao Carnaval, no Cinema Condes, interpretada pelos melhores artistas franceses da tela.

O Carnaval no cinema

Nos ultimos anos criou-se o habito de completar os programas de Carnaval nos cinemas com numeros de variedades. Assim, muita gente que não gosta de passar a noite em bailes e prefere sentar-se comodamente numa cadeira e passar umas horas distraidamente, quer rindo com os filmes comicos, quer apreciando numeros de arte, de côr, de alegria.

No entanto, nem todas as empresas sabem preparar espectaculos dessa natureza, ou pelo menos se abalançam a apresentar numeros de variedades de grande categoria e novidade, os quais são na verdade caros. Artistas de variedades que interessem o publico fazem-se pagar por altos preços, aos quais é necessario juntar as despesas de transporte, de hoteis, etc.

Por isso, quando uma empresa não hesita em contratá-los, tambem o publico não hesita em preferir esses espectaculos.

E' o que acontece com o Cinema Condes, que este ano acrescenta aos seus programas cinematograficos das «soirées» e das «matinées» numeros de inteira novidade e elevada categoria artistica que tornarão os seus espectaculos verdadeiramente encantadores.

Como amostra desvendamos hoje uma pontinha do programa para indicarmos um dos numeros que atrairão ao Condes todo o publico de bom gosto. Trata-se da apresentação em Lisboa da celebre parelha internacional de baile, Mapy and Jeny, duas formosissimas artistas que são o regalo dos nossos olhos bailando num ritmo que nos enleia e nos encanta pela arte, pela graça, pela gentileza!

Vêr Mapy and Jeny no tablado dansando é recordar as noites capitosas e policromicas dos espectaculos de variedades de Paris, de Berlim, de Viena. Aquela mocidade que crepita em fulgurações de arte e de beleza, sinfonia de gestos e atitudes, desenhados na cadencia da musica alegre e saltitante, é bem o remedio para os nossos nervos cansados da luta diaria.

Mas o Condes reserva para o Carnaval mais surpresas ainda, algumas das quais destinadas ás crianças que irão animar as suas «matinées». Desvendá-las-emos dentro de breves dias.

Chegou a Lisboa

Chegou a Lisboa o celebre filme francês «Carnet de Bal», que obteve na bienal de Veneza a mais alta recompensa «A taça Mussolini» e no Concurso de Nice o «Primeiro premio».

Como se sabe, este filme é interpretado por grandes vedetas, como Raimu, Fernandel, Marie Bell, Madeleine Oseray, Harry Baur, Pierre Blanchar, Louis Jounet, Pierre Richard Willm, etc.

A sua tradução tem que ser feita com o maior escrupulo como a categoria do filme o exige e como o desejam os proprios produtores. Por tal motivo «Carnet de bal» só será apresentado ao publico português depois de passada a epoca carnavalesca.

PROGRAMAS DE HOJE

S. LUIZ
A's 21 e 30
Telef. 2 717[illegible]
DERAM-LHE UMA ESPINGARDA
um filme de **Van Dyke** com Spencer Tracy, Gla[illegible]dys George e Franchot

CONDES
A's 21 e 30
T'L 2 5[illegible]
ULTIMA
Chamada á vida
com Victor Francen e Renée Devillers

TRINDADE
A's 21 e 30
Telef. 2 0000
2.ª SEMANA
A ROSA DO ADRO
o novo fonofilme de **Chianca de Garcia**, com Lalande, Elsa Rumina, Oliveira Martins, Th. Macedo, Costinha e Adelina branches

CAPITOLIO
Tel. 2 7493 A's 21
RITMO-LOUCO
com G. Rogers
Feira da Vaidade

TERRASSE
Tel. 2 0917
A Carga da Brigada Ligeira
O Club da [illegible]ua 56

TIVOLI
A's 21 e 30
TELEF[illegible] 0 95
2.ª semana
O grito de 1938
filme musical 100 0|0 colorido com **Warner Baxter** e **Jean Bennett**

ODEON
A's 21 e 15
Telef. 2 6[illegible]83
A carruagem de sua Alteza
com **Sonja Henie** e **Tyrone Power**

PALACIO
A's 21 e 30
Telef. 4 7163
Charlie Chan em Broadway
com Warner Oland

LYS
Telef. 4 856[illegible]
A Carga da Brigada Ligeira
O Cabaret das Maravilhas

ROYAL
Telef. 45037
A's [illegible]
O Dragão de Fogo
26 PARTES

JARDIM CINEMA
A's 21 — Tel. 6 3065.
Dr. Sócrates
O SOL NA VIDA

POLITEAMA
A's 21,15
Telef. 26305
ESTREIA
A Legião dos Atiradores
com May Murray e Jean Parker
A Fuga de Bulldog Drumon
com Ray Milland e Heather Angel

CENTRAL
TEL 24381
Soirée ás 21 e 30
Um heroi moderno
Flecha de Ouro

PARIS
Tel. 6 2 30 a's 21 h.
O REI E A CORISTA
com Fernand Gravey
O mundo não pára

REX
Telef. 2 9656
A's 21 e 15
MARIA PAPOILA
Ao longo do cais

CASINO ESTORIL
A's 21 e 30
Por o Artur

VARIEDADES
Só isto!...
Olaré, quem brinca!
A's 8,30 e 11 horas

V. Ex.ª não tem agora um espectaculo onde ria tanto como
A Sopa Juliana
Que todas as noites, ás nove e meia, se apresenta no
AVENIDA

EDEN TEATRO
HOJE, ás 20,45 e 23 horas
A REVISTA TRIUNFANTE
FANFARRA
A PEÇA QUE AGRADA A TODA A GENTE.
O SUCESSO QUE VENCE TODOS OS SUCESSOS!!!

UMA INICIATIVA INTERESSANTE

A adaptação do individuo ao meio

é um dos fins que tem em vista

o Instituto de Serviço Social

D. Maria Helena Teixeira

Em 1935, fundou-se em Lisboa, sob a egide do sr. Cardial Patriarca, e tendo como principal impulsionadora a sr.ª condessa de Rilvas—que continua a ser a alma da interessante instituição—o Instituto do Serviço Social. Instalado nos anexos do Patriarcado, nas condições necessarias para iniciar a sua actividade, veio de França assumir a sua direcção tecnica mademoiselle Marie Thérese Levêque, que exerceu cargos de grande responsabilidade em instituições de caracter social, na França e na Inglaterra, e que tem a ajudá-la na parte do ensino do «ménage» mesdemoiselles Huille e Rouyer. Foi mademoiselle Levêque quem dirigiu toda a organização social nas grandes fabricas Citroen, e em todos os congressos internacionais para tratar de tais problemas tem tomado uma parte brilhante.

O Instituto tinha como objectivos iniciais formar um grupo de pessoas competentes para todas as organizações e criações de Serviço Social e ser um centro de informações, de documentação e de realizações sociais. Para isso, abriu em abril de 1935 um curso preparatorio, inscrevendo-se nele treze alunas, das quais seis o completaram. Nos anos seguintes, inscreveram-se, respectivamente, treze, doze e vinte raparigas.

Uma das seis alunas que concluiram o curso é D. Maria Helena Teixeira, uma jovem inteligente e activa que «vive» para a sua idéa admiravel. Quisemos ouvi-la, e confessamos que não foi facil arrancar-lhe o consentimento para a publicação do seu nome:

—O que interessa é a obra que se está realizando.

—Falemos, então, da obra. Comece por nos dizer o que é o «Serviço Social»?

—Conforme reza um folheto que editámos, é «uma forma de acção social pratica, cujo fim é a instauração e a restauração da ordem social, pela adaptação dos individuos á sociedade e pela adaptação das condições economicas e sociais ás necessidades do individuo». Cria e põe em actividade instituições preventivas, educativas e curativas capazes de ajudarem os individuos a rehabilitar-se, a levar uma vida normal, a aumentar a soma dos seus valores individuais e sociais.

—Qual é o papel do Instituto?

—As instituições e as obras publicas e privadas, as industrias, as colectividades rusticas e as urbanas sentem a necessidade duma organização mais metodica e mais social. E, como por outro lado, há muitas pessoas que procuram lugares bem remunerados onde possam empregar utilmente a sua cultura geral e as suas aspirações de bem-fazer, o Instituto pode realizar o encontro entre as necessidades duns e os desejos dos outros. O seu ensino procura ser largamente humano; e os estudos nele feitos são considerados como aprendizagem pratica da acção social, e a esta devem conduzir logicamente. A formação dada pelo Instituto de Serviço Social destina-se especialmente a raparigas que querem consagrar a sua vida a um trabalho social profissional; que tencionem ajudar na sua missão os trabalhadores sociais; que desejem preparar-se eficazmente para o papel de educadoras e animadoras do seu proprio lar, cuja profissão ou vida as ponha em contacto com «meios» sociais diferentes do respectivo «meio»; e a todas as pessoas desejosas de adquirirem um complemento de cultura, ou, ainda, de compreenderem a evolução e necessidades da sua época. Eis, em resumo, o que pretende o nosso Instituto.

D. Maria Helena Teixeira falou-nos, depois, da organização do ensino no Instituto, que é dividido em três secções: teórica, pratica e de trabalho pessoal das alunas:

—O Instituto exige das alunas que se destinam a um trabalho profissional a vocação primordial de «servir» os estudos completos que dão direito ao titulo de profissional de Serviço Social—que são distribuidos em dois anos e meio—e dá-lhes, em compensação uma solida formação sem a qual o seu sentido social ficaria deficiente. O programa do curso preparatorio abrange: formação elementar de enfermagem; puericultura; educação fisica; psicologia pedagógica da infancia; elementos da formação técnica e administrativa do trabalhador social; cursos e conferencias; e trabalhos praticos que comportam estagios nos hospitais, nos serviços de medicina, de cirurgia, de pediatria, nas creches, maternidades e escolas infantis, visitas a instituições sociais para completar o ensino teorico, relatorios e exercicios escritos e exame final. E os dois anos de estudos destinados aos futuros profissionais têm o seguinte programa: formação geral; cursos medico-sociais, trabalhos praticos, estagios praticos, psiquiatria, cursos e conferencias e estagios praticos. Depois, cada profissional pode especializar-se no trabalho social urbano ou no trabalho social rural. As condições exigidas para as alunas regulares são as seguintes: mais de 19 e menos de 38 anos de idade; provas duma boa cultura geral; muito boas referencias; cartão de identidade; e atestado medico recente do qual conste que a candidata não sofre de nenhuma doença grave e goza de boa resistencia fisica.

—Agora que terminaram o seu curso, o que vão fazer as seis?

—Já temos todas a nossa função marcada: uma vai trabalhar para a Obra das Mães; outra para o Instituto Medico-Pedagogico; outra para uma creche; a quarta para outro organismo social; e eu e a outra minha companheira vamos para as fabricas de conserva de Setubal estudar o meio para a organização da assistencia social. Ao mesmo tempo, quatro de nós seis estamos a fazer, a pedido do 4.º batalhão da «Legião Portuguesa», um inquerito familiar, higienico, economico e social ao bairro das Minhocas. Tencionamos, com o patrocinio da «Legião Portuguesa», criar lá um Centro Social que constará dum dispensario que, ao mesmo tempo que canalize para aquela pobre gente os serviços das varias instituições de assistencia já existentes—hospitais, maternidades, creches, etc.—a eduque, ensinando-lhes o ararnjo da casa, a maneira de tratar dos filhos, corte e costura.

Por todas as razões expostas, bem merece o Instituto do Serviço Social o patrocinio das entidades religiosas e do Estado—que, por intermedio dos srs. ministros do Interior e da Educação Nacional, já publicamente o consagrou.

TAPETES PORTUGUESES

Ninguem compre sem visitar a interessante exposição da *Casa de Artigos Regionais* — Arte e Ménage—Alecrim, 71, 1.º—Telef. 2 0711.

A GUERRA SINO-NIPONICA

Incidente anglo-niponico

por motivo

duma operação japonesa

LONDRES, 10.—De Hong-Kong comunicaram á «Reuter»: «Uma fonte oficial anuncia que destacamentos de infantaria de marinha niponica desembarcaram em Uei-Hai-Uei, no principio da semana».

Como aquele porto serve de base de verão á esquadra britanica dos mares da China, as autoridades britanicas protestaram junto do comando japonês, que ordenou imediatamente aos seus marinheiros que regressassem aos navios. Os ingleses pediram aos japoneses que lhes dessem garantias de que aquele incidente não se repetiria.

Estão actualmente no porto de Uei-Hai-Uei dois vasos de guerra niponicos, o cruzador britanico «Suffolk» e o navio escolta, «Sandwich», para a protecção dos interesses britanicos. Deve chegar brevemente áquele porto, proveniente de Hong-Kong, o cruzador inglês «Cape-Town».—(Havas).

LONDRES, 10.—De Changai comunicam á Reuter:

O porta-voz da marinha japonesa desmente categoricamente a noticia, de origem chinesa, dum desembarque de tropas niponicas em Uei-Hai-Uei.

Mesmo que os nipões, disse, efectuassem uma operação contra aquele porto, parece que os ingleses não teriam o direito de intervir, já porque aquele territorio foi restituido á China, já porque seriam respeitados os interesses britanicos.—(Havas).

As perdas da aviação

TOQUIO, 10.—A Domei informa que o ministerio da Marinha comunicou que desde o principio do conflito sino-niponico até 8 do corrente, a aviação japonesa perdeu 67 aparelhos. A aviação naval niponica perdeu 5 hidroaviões, sendo 3 no dia 8 do corrente, mas abateu 1 avião chinês num combate aereo e destruiu 5 em terra. O comunicado precisa que as perdas da aviação chinesa se elevam a 269 aviões abatidos em combate e 368 destruidos em terra.—(Havas).

Uma legião estrangeira na China

LONDRES, 10.—De Pequim comunicam á Reuter:

«Segundo os dados publicados pelo estado maior do general Terouchi, comandante em chefe das tropas niponicas que operam na China do Norte, a China deve possuir uma verdadeira legião estrangeira. Parece que combatem sob a bandeira chinesa 651 estrangeiros, assim divididos: 55 ingleses, 152 americanos, 315 cidadãos sovieticos e os restantes de diversas nacionalidades. A idade da maior parte dêstes individuos vai dos 20 aos 40 anos.

Consta que o governo chinês ofereceu premios de mil a duas mil libras ao aviador que abata um aparelho niponico. Até agora aquela legião só teve três mortos: 1 francês, 1 americano e 1 russo. Ha um americano ferido. Segundo a mesma fonte, 300 cidadãos sovieticos naturalizaram-se chineses.—(Havas).

A solidariedade do Japão aos combatentes

TOQUIO, 10—A Federação Geral do Trabalho, o mais importante agrupamento de trabalhadores niponicos, organiza amanhã um comicio no parque Shiba para pedir o reforço do auxilio aos combatentes. Aquele agrupamento votou uma moção resolvendo «cooperar com os poderes publicos para beneficio da Nação». A União dos Trabalhadores dos Transportes de Toquio, a organização mais esquerdista das autorizadas por lei e celebre pelos resultados felizes das suas numerosas gréves dos electricos municipais de Toquio e Yokohama, resolveu voluntariamente a sua dissolução. O secretario geral daquela União declarou á Imprensa: «Chegou a altura de renunciarmos á luta de classes e de dar a mão aos capitalistas para a consecução dum fim mais elevado: a unificação da raça e da nação».—Havas).

Lanches para casamentos

PATISSERIE VERSAILLES

Actualid

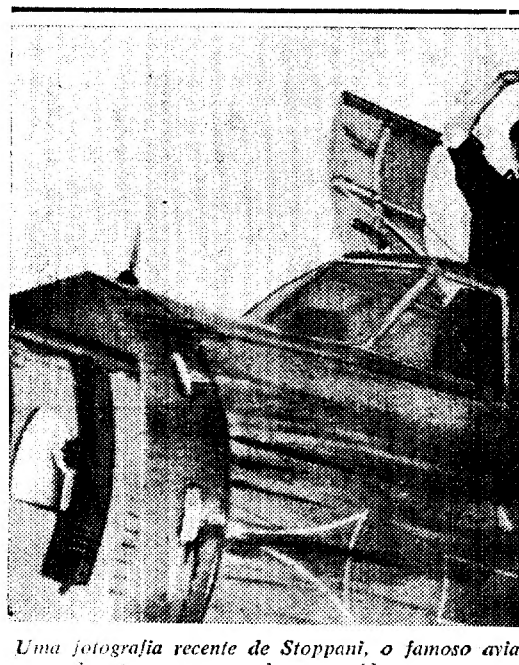
ROOSEVELT E OS INDIOS

O presidente Roosevelt, a quem os indios visitado por dois membros duma ant

O PRINCIPE E OS DESPORTES

O principe Humberto da Italia é um apa que este ano foi praticar para os Alp com entusiasmo a

Salvo da morte



Uma fotografia recente de Stoppani, o famoso avia no desastre em que perderam a vida os seus comp como se sabe, do Brasil, depois de ter batido o avião, voando de Roma a Caravelas. O seu avião seus companheiros de viagem m

...lidades graficas

...ios chamam o «Grande Pai Branco», é ... antiga tribu de Dakota do Norte

...ES

...apaixonado dos desportos de inverno ... Alpes italianos onde se consagrou ...no ao «ski».

...e!

...aviador italiano que se salvou milagrosamente ...companheiros de viagem. Stoppani regressava, ...o «record» mundial de distancia em hidro... ...ião caiu em chamas em pleno Atlantico e os ...m morreram carbonizados

Recem-chegado de Marrocos

ficou sem 25.000 francos

Raro é o dia em que não aparece no Torel uma pessoa a queixar-se de que, em determinada rua, foi abordado por um ou dois individuos que a burlaram pelo processo do «conto do vigario», extorquindo-lhe depois papeis ou joias.

A Policia põe-se em campo, e consegue, por vezes, prender os autores do classico «truc». Submetidos a preguntas negam com todas as veras da alma e, como não há testemunhas há que restitui-los á liberdade. O mais curioso é que a maioria dos vigaristas presos foi vitima do famoso «conto do vigario» que depois aplica, por seu turno, mais aperfeiçoado na tecnica.

Têm locais proprios para exercer as suas malas artes. O Terreiro do Paço, na estação da Sul e Sueste, onde desembarcam muitos alentejanos ricos, e a «gare» do Rossio são os preferidos.

Hoje coube a vez ao sr. José do Carmo Moura, residente acidentalmente, na rua Nova do Desterro, 26, 1.º que há dias chegou de Marrocos e que veio a Portugal para fazer um tratamento. Esta tarde, quando passou numa das ruas da Baixa, aproximou-se dele um individuo bem posto, de sugestiva elegancia, e delicadissimo, que dizendo tê-lo conhecido em tempos, inquiriu a sua idade e o seu nome descrevendo-lhe Casabranca, Rabat, Fez, e outras cidades do Norte de Africa, como se, de facto, as tivesse conhecido. De tal maneira se insinuou, que o sr. José do Carmo, em dado momento passou-lhe para as mãos vinte e cinco mil francos marroquinos, que ele logo juntou a um maço de notas, que a final era um pacote de bocados de jornal, cortados á guilhotina, a fingir, pelo volume notas do banco.

O sr. José do Carmo quando o elegante cavalheiro se despediu dele, e a inteligencia, tardiamente, lhe acorreu, sentiu que tinha sido roubado, motivo por que se dirigia ao Torel a apresentar a respectiva queixa.

O novo governador militar

prossegue nas suas visitas

A-fim-de agradecer os cumprimentos que lhe fôram apresentados por ocasião da sua posse, o novo governador militar de Lisboa, sr. brigadeiro Monteiro de Barros, acompanhado dos srs. major Vale de Andrade, chefe interino do Estado Maior do governo militar, e do seu ajudante de campo, sr. tenente Spinola, prosseguiu hoje nas visitas ás varias unidades da guarnição militar da capital.

Pelas 14 e 30, o sr. brigadeiro Monteiro de Barros deu entrada na sede do grupo de Artelharia Pesada n.º 2, no forte da Ameixoeira, onde foi recebido pelos srs. tenente-coronel Caldas e major Gama Lôbo, respectivamente, 1.º e 2.º comandantes, e pela oficialidade.

Depois de trocados afectuosos discursos e de o comandante da unidade ter afirmado que o novo governador militar de Lisboa pode contar com a lealdade do seu grupo, o sr. brigadeiro Monteiro de Barros abandonou o quartel em direcção a Sacavem, onde, pelas 15 e 45, deu entrada no quartel de Artelharia Pesada n.º 1.

O sr. governador militar de Lisboa foi recebido pelos srs. majores Mendes Magalhães e Estacio, respectivamente, 1.º e 2.º comandantes, e pelos oficiais não só do regimento como ainda do destacamento de infantaria de apoio que ali está alojado.

Uma vez no gabinete do comando, o sr. brigadeiro Monteiro de Barros, na presença de todos os oficiais, de um sargento e de um soldado, fez a continencia á bandeira.

Depois dos representantes dos sargentos e dos soldados terem abandonado o referido gabinete, trocaram-se discursos entre o sr. brigadeiro Monteiro de Barros e o comandante da unidade.

O rendimento das alfandegas

Segundo o «Diario do Governo», no mês de agosto passado, em relação a igual mês de 1936, o rendimento das alfandegas do país deminuiu em 4.643 contos.

A deminuição assentou, principalmente, nos direitos de importação de mercadorias do estrangeiro.

DIVISÃO ALEMÃ NO TEJO

Em nome do sr. barão von-Hoyningen-Huene, ministro da Alemanha, visitou-nos o sr. Wilhelm Berner, adido de imprensa, para nos agradecer as referencias feitas á estada no Tejo do couraçado «Deutschland» e de dois submarinos alemães.

A SITUAÇAO POLITICA NO REICH

O partido nazi tem como suspeitos

os antigos oficiais do exercito imperial

O ex-Kronprinz conversando com os jornalistas, na sua passagem por Lisboa, ha dois anos, quando tomou parte numa excursão de alemães que esteve na capital

LONDRES, 10.—O correspondente do «Times» em Berlim informou que se produzem dissenções no seio do exercito alemão, onde causaram profundo descontentamento os acontecimentos da ultima semana. Três generais, segundo aquele correspondente, ter-se-iam demitido em sinal de protesto e o exercito alemão estaria dividido em dois campos: dum lado, os partidarios dos generais demissionarios, e de outro, os partidarios do governo.

O mesmo correspondente escreve:

«As medidas tomadas durante a semana passada tiveram como resultado meter a politica no exercito. O descontentamento dos oficiais poderia, talvez, apaziguar-se rapidamente, se pudessem pensar que as decisões de sabado eram definitivas.

Pregunta-se, porém, até que ponto o partido insistirá na reforma do exercito. Pedir-se-á o abandono da continencia militar e a sua substituição pela saudação nacional-socialista? Decidir-se-á que os oficiais sejam recrutados nos corpos de cadetes nazis? Juntar-se-ão aos regimentos comissarios e instrutores politicos? Exigir-se-á a supressão dos capelães?

Estes pontos fazem parte do programa nacional-socialista para a transformação do exercito actual num verdadeiro «exercito do povo». Ha o direito de supôr, igualmente, que o partido tem muito especialmente como suspeitos os antigos oficiais imperiais, que voltaram ao serviço desde 1933 e que estão impregnados das ambições da independencia do antigo militarismo. A incerteza do pessoal, relativamente ao futuro, causada pelo contrôle do partido e da policia não deixará tambem de ter uma influencia deprimente. E' provavelmente esta incerteza caracteristica das relações entre o governo e o exercito que é causa da actual tensão politica.

A opinião publica está convencida que a nomeação inesperada de Von Ribbentrop, para ministro dos Estrangeiros e a chamada de três embaixadores é menos um plano de reorganização da diplomacia do que uma diversão destinada a desviar as atenções duma grave situação militar, cuja solução não está ainda em vista. Não se duvida todavia que Hitler ainda desta vez saberá mostrar-se á altura das circunstancias».—(Havas).

Chegaram á Suiça varios oficiais alemães?

PARIS, 10.—«Le Jour», jornal da direita, em telegrama do seu correspondente em Genebra, informa:

«Diversos generais e oficiais alemães, recentemente destituidos pelo Fuehrer, receiosos das perseguições da Gestapo, conseguiram atravessar a fronteira austro-alemã e acabam de chegar á Suiça. Segundo certas informações os fugitivos pediram ao governo helvetico autorização para se estabelecerem na Suiça. Se este facto é exacto, pode calcular-se que o concelho federal, cuja constante preocupação é não aumentar a população estrangeira do país, dificilmente concederá autorizações para residencia a titulo permanente.—(Havas).

BERNE, 10.—A agencia telegrafica suiça comunicou: «As autoridades federais de Berne e as autoridades cantonais de Basileia declaram nada saber duma pretensa chegada de generais e oficiais alemães a Basileia, nem acêrca dum pedido de autorização de residencia na Suiça dirigido ao Conselho Federal».—(Havas).

O ex-Kromprinz faz desportos de inverno

BERLIM, 10.—Segundo novas informações obtidas em Berlim, o ex-Kromprinz partiu efectivamente de Berlim em 2 do corrente e encontra-se, desde o dia 3, em Cortina de Ampezzo, onde se entrega aos desportos de inverno.

A ex-Kronprinzessin Cecilia assistiu ontem a um almoço intimo numa legação estrangeira.

O principe Luiz Fernando da Prussia, cuja prisão se havia anunciado no estrangeiro por causa duma pretensa conspiração monarquica, foi visto nestes ultimos dias em varios sitios de Berlim.—(Havas).

A juventude hitleriana exercita-se

BERLIM, 10.—A juventude germanica exercita-se, cada vez mais, no tiro de pequeno calibre. Hitler e as juventudes vão entabular negociações com os representantes do partido para que se dotem com carreiras de tiro duas mil localidades que ainda as não possuem. Calcula-se que 40 por cento dos jovens hittlerianos, dos 14 aos 18 anos, recebem instruções de tiro de mais de 5 mil monitores formados na escola especial de tiro para as juventudes hitlerianas de Obergmannsfeld (Turingia).—(Havas).

Ribbentrop tomou posso do seu novo cargo

BERLIM, 10.—Von Neurath despediu-se hoje dos seus colaboradores intimos. Em seguida entregou os Negocios Estrangeiros ao novo ministro daquela pasta, Von Ribbentrop, a quem apresentou os funcionarios superiores do ministerio. Von Ribbentrop dirigiu a Neurath uma breve alocução, na qual exprimiu os seus cordiais agradecimentos.—(D. N. B.).

AGENTES

Para venda a prestações com bonus pela lotaria — ARTIGOS DE CHAPELARIA. — Precisam-se em Bancos, Companhias, etc. Rua Augusta, 238 — Lisboa.

KB RADIO

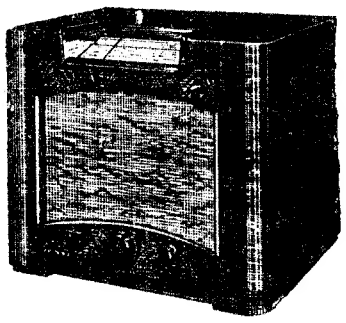
NÃO PRECISA ADJECTIVOS PARA PROVAR

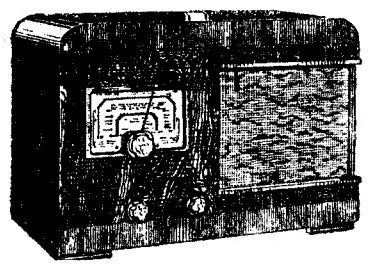
A SUA QUALIDADE!

MODELOS 650/652

16,5 a 2300 metros

5 VALVULAS





MODELOS 640/642

16,5 a 2300 metros

5 VALVULAS

KOLSTER-BRANDES Rádio

a mais afamada marca ingleza

VENCE PORQUE CONVENCE!

Rua do Comércio, 42, 1.º — Telef. 2 5811

KB

RADIOS K B em exposição na casa SASSETTI & C.ª,
Rua do Carmo, 56 — LISBOA

Carreiras de Camionetes da C. P.

entre Lisboa e Portimão, via Barreiro, Alcacer do Sal, S. Tiago do Cacem, Odemira.

PARTIDAS DE PORTIMÃO		PARTIDAS DE BARREIRO	
Partidas de Portimão	8,15	Partidas de Lisboa T. P.	7,35
» » Lagos	9,00	» » Barreiro	8,15
» » Bensafrim	9,20	» » Moita	8,30
» » Aljezur	9,55	» » Palmela	8,50
» » Odeceixe	10,20	» » Setubal	9,10
» » Odemira	11,05	» » Aguas de Moura	9,50
» » S. Luiz	11,30	» » Alcacer do Sal	10,45
» » Cercal do Alentejo	11,50	» » Grandola	11,25
» » S. T. Cacem (almoço)	13,25	» » S. T. Cacem (almoço)	12,55
» » Grandola	14,20	» » Cercal do Alentejo	13,55
» » Alcacer do Sal	15,00	» » S. Luiz	14,10
» » Aguas de Moura	15,45	» » Odemira	14,40
» » Setubal	16,30	» » Odeceixe	15,20
» » Palmela	16,45	» » Aljezur	15,45
» » Moita	17,05	» » Bensafrim	16,20
Chegada a Barreiro	17,20	» » Lagos	16,45
» » Lisboa T. P.	18,00	Chegada a Portimão	17,25

SERVIÇO RAPIDO E CONFORTAVEL

Embarque e desembarque nas Estações do Terreiro do Paço e Barreiro'Mar

O trajecto pela via fluvial é feito pelos magnificos barcos da C. P.

POLICLINICA DO INTENDENTE

Avenida Almirante Reis, 27, 2º, — LISBOA — Telefone 4 5587

DR. ABEL ALVES—Ouvidos, nariz e garganta . . . . . A's 11 h
DR. ADELINO COSTA—Cirurgia geral. Operações, ... A's 17 h
DR. ALMEIDA DIAS—Doenças nervosas. Electroterapia . . . . . A's 14 h
DR. ANASTACIO GONÇALVES—Doenças dos olhos, ... A's 17 h
DR. ARMANDO LUZES—Rins e vias urinarias. . . . . A's 11 h
DR. ARMANDO VALLE—Analises clinicas. vacinas . . . . . A's 11 h
DR. ARTUR PACHECO—Doenças da pele e sifilis . . . . . A's 17 h
DR. BÉNARD GUEDES—Raios X . . . . . A's 10 h
DR. CARLOS FRADIQUE—Assistente livre da Faculdade de Medicina e interno dos Hospitais—Doenças das crianças . . . . . A's 17 h
DR. FERNANDO DE CASTRO AMARO—Medicina Geral . . . . . A's 15 h
DR. FORMIGAL LUZES—Mecanoterapia, maçagem, raios ultra-violetas, gimnastica médica, diatermia, etc. . . . . A's 13 h
DR. MARCELINO MARTINS—Doenças da boca e dentes . . . . . A's 10 h
DR. MARIO ROSA—Clinica geral, estomago e intestinos . . . . . A's 15 h
DR. D. PEDRO DA CUNHA—Partos. Doenças das Senhoras . . . . . A's 15 h
DR. VASCO DE LACERDA—Clinica medica, coração, pulmões . . . . . A's 16 h

As lampadas **PHILIPS** fornecem luz abundante e economica. Poupam a vista e o consumo de corrente.

As lampadas de baixa qualidade que são vendidas por qualquer preço, são lampadas que roubam a bolsa e estragam os olhos do consumidor.

Companhia de Seguros Fidelidade

S. A. R. L.

Séde — Largo do Corpo Santo, 13-1.º

Capital Esc. 1.344.000$00

Por ordem do Exmo Sr. Presidente é convocada a Assembleia Geral ordinaria para reunir na sêde da Companhia no dia 26 do corrente pelas 16 horas (4 da tarde), a fim de dár cumprimento aos artigos 12.º, 13.º, 18.º e 27.º dos Estatutos.

Lisboa, 10 de Fevereiro de 1938.

O SECRETARIO

(a) *Raul Pinto Cardoso da Gama*

UMA LÂMPADA PERFEITA

As lâmpadas LUSTRA têm grande rendimento luminoso, uma duração média de 1.000 horas e são fabricadas com extraordinários cuidados para serem isentas de defeitos e terem a máxima resistência. Experimente-as.

Distribuidores:
António José Fernandes, L.da
44, Rua dos Remolares, 48 — LISBOA

DUPLOS não confundir com Justos

não aperta: Sujeita o calçado ao pé

O atacador **"Duplos"**

Leiam hoje o jornal humoristico SEMPRE FIXE.

Simão Carvalho Mourão

FALECEU

Julio Estevam da Silva Mourão, Esmeralda Mourão Brito e Cunha, seu marido e filho, Carlota Mourão Saraiva, seu marido e filho, Nuno da Silva Carvalho Mourão e sua mulher, participam o falecimento de seu marido, pai, sogro e avô e que o seu funeral se realiza amanhã, 11, pelas 10 horas, da sua residencia, Estrada de Benfica n.º 178, para o cemiterio de Benfica.

Agencia Tavares

Querem aprender segura e rapidamente o FRANCÊS e outras linguas? Frequentem a
BERLITZ SCHOOL
Rua do Alecrim, 20-A
Telefone 28/19

ESTRANGEIRO

Funerais e Trasladações
Agencia M. Ferreira dos Santos
RUA DE A[illegible]OS, 111 — Telf. 41907
SERVIÇO PERMANENTE

Tumultos em Belfast

BELFAST, 10.—Houve cinco pessoas feridas numa carga da Policia contra a multidão que se aglomerava junto duma assembléa eleitoral. A Policia teve de intervir varias vezes em desordens entre catolicos e protestantes.

As assembléas eleitorais abriram ontem ás 8 horas sendo imediatamente invadidas por numerosos eleitores.

O apuramento começou esta manhã. A Policia vigiará até ao resultado final. A-pesar-de este ainda não ser conhecido, pode-se desde já informar que Belfast, assim como as provincias se pronunciaram contra a união com o Eire. Este resultado não oferece duvida e deve ser conhecido depois das 17 ou 18 horas, que é quando a contagem deve ter terminado.—(Havas).

As eleições no Ulster

BELFAST, 10.—Nas eleições do Ulster, a posição dos partidos ás 11 e 45 horas era a seguinte: unionistas, 17; trabalhistas, 1; nacionalistas, 6.

A missão polar russa

MOSCOVO, 10.—A Tass informou que ontem, ás 18 horas, a estação do Polo Norte se encontrava a 72,6° latitude Norte e 19,38° longitude Oeste. A temperatura era 16° abaixo de zero. Na mesma ocasião, o navio «Mourmanetz» achava-se a 0,6° latitude e 9,18° long.—(Havas).

PRINCIPES COLEGIAIS

O principe Tomislav, herdeiro presuntivo do trono da Yugo-Eslavia, e o principe Nicolau, filho mais novo do regente Paulo, que fazem os seus preparatorios num colegio inglês, vieram a Londres encomendar os seus uniformes, acompanhados dum perceptor

Exercito americano

O rejuvenescimento dos quadros

NOVA YORK, 10.—O «New York Times», em noticia de Washington, informa que 26 generais vão passar á reserva no corrente ano. E' o movimento mais importante efectuado em tempo de paz e na historia do exercito americano. O rejuvenescimento nos quadros do exercito compreende a passagem á situação de reserva de 10 majores-generais, dos 21 que se encontravam ao serviço. Outras passagens á reserva compreendem brigadeiros-generais e generais, que atingem o limite de idade.—(Havas).

A viagem a França

dos soberanos britanicos

ROMA, 10.—A proxima viagem dos soberanos britanicos a Paris continua a não suscitar nenhum comentario da Imprensa italiana, que adoptou uma atitude de indiferença perante esse facto.—(Havas).

Temporais no estrangeiro

RIO DE JANEIRO, 10.—Ontem á noite houve uma violenta tempestade, que causou 13 mortos e 20 feridos, além de ter provocado a inundação de diversos bairros, a paralisação do trafico, quatro incendios e o desmoronamento de 10 casas.—(Havas).

As relações financeiras

anglo-italianas

LONDRES, 10.—O «Financial Times» informa que Agostino, do Banco de Italia, virá brevemente a Londres para negociar a renovação do acôrdo sôbre o «Exchande Clearing» ou Camara de compensação anglo-italiana. Esta viagem não terá nenhuma ligação com os boatos que circulam em Londres de que brevemente serão concedidos creditos á Italia pelos bancos londrinos.—(Havas).

A morte do principe Nicolau

ATENAS, 10.—O principe regente Paulo, da Yugo-Eslavia, a duquesa de Kent e o conde e condessa de Toerring, chegaram ontem a Atenas, sendo recebidos pelo rei Jorge e pelo presidente Metaxas. Inclinaram-se imediatamente perante os restos mortais do principe Nicolau, cujo funeral se realizará no sabado de manhã.—(Havas).

Caminhos de Ferro do Vale do Vouga

Venda de barris de madeira, vasios servidos a ólios, e bidons de ferro vasios

Esta Companhia aceita propostas em carta fechada, até as 12 horas do dia 17 do corrente, para a venda de cérca de 80 barris de madeira vasios, servidos a ólios minerais, e 5 bidons de ferro vasios, tambem servidos a ólios minerais, sendo 4 destes em mau estado.

As propostas deverão ser enviadas ao Engenheiro Director da Exploração, em envelope fechado, com indicação do que contém.

Os barris são postos sobre vagão na estação de Sernadi e a proposta devera indicar para que estação serão ser despachados pelo comprador.

Os barris não sairão da nossa linha ou não serão levantados de qualquer das nossas estações, sem que estejam pagos em Espinho ou na nossa estação em que forem levantados.

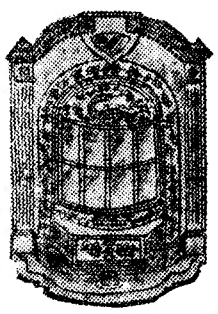
A Companhia reserva se o direito de não efectuar a venda, no todo ou em parte, se o melhor preço oferecido não lhe convier, e bem assim o direito de fazer licitação verbal entre os concorrentes, se assim se julgar conveniente.

Espinho, 6 de Fevereiro de 1938.

O Engenheiro Director da Exploração
T. Ferreira de Almeida

Quere a sorte grande?
Habilite-se na Tabacaria MADRID
Rua do Mundo, 115

AQUECIMENTO
Fogões e Salamandras



FABRICAS VULCANO E COLLARES
(Carlos Alfredo da Silva, L.DA)
L. Conde Barão, 13 a 17
LISBOA

PEDRO SOARES
Calista
SALÃO VENESA
Rua do Ouro, 170, 1.º—Telefone 26972

UMA LATA
DE VERDADEIRAS
Pastilhas VALDA
bem empregada,
e utilisada a proposito
resguardará
vossa Garganta, vossos Bronchios,
vossos Pulmões,
combatendo efficazmente
DEFLUXOS, BRONCHITES,
GRIPPE, ASTHMA,
EMPHYSEMA, etc.
Encontram-se em todas as Pharmacias
EM LATAS com o nome
VALDA
Representante H. RETNAUD
LISBOA

FORD
Todas as peças aos melhores preços
AUTO GERAL
175, RUA EUGENIO DOS SANTOS, 177
Telefone 24051

CHRYSLER
APRESENTA
os seus modelos 1938
Exposição no Stand dos Agentes
Sociedade Portuguesa de Automoveis, Ld.ª
71 — Avenida da Liberdade — 71

A Lutuosa de Portugal
Ass. de Soc. Mùtuos — Pôrto — consubstancia no seu «Fim» um dos melhores objectivos da Previdência Social.
Sócio-correspondente — Aurélio Teixeira — R. Douradores, 21-1.º
Tel. 2 7615 LISBOA

ULTIMAS NOTICIAS

T. S. F.
O vosso receptor está avariado?
Confie a sua reparação ao laboratorio
Supersom
Rua da Conceição, 35-1.º
Rapidez, Economia, Garantia

A CORRIDA DOS ARMAMENTOS

Os Estados Unidos vão construir navios de 35 mil toneladas

WASHINGTON, 10. — O almirante Leahy declarou formalmente que, se algumas nações violarem o Tratado Naval de Londres, os Estados Unidos construirão imediatamente couraçados de mais de 35 mil toneladas. O chefe da esquadra aludia ao Japão, pais ao qual continua a atribuir-se o intento de construir navios de 43 mil toneladas. O almirante disse que o programa actual prevê três «capital ships» de 35 mil toneladas, mas esta tonelagem será aumentada se a diligencia em curso fôr de molde a confirmar o que se atribui a outros paises. Interrogado pelo deputado Surphin, na Comissão Naval da Camara se os couraçados de 40 mil toneladas poderiam passar pelo canal do Panamá, Leahy declarou crer que sim.

O governo fechou contrato para a compra de couraçados de aço, no valor de oito milhões de dolares. Esses couraçados, segundo se diz nos meios competentes, destinam-se aos navios de batalha «North Carolina» e «Washington», que se encontram nos estaleiros.—(Americana).

A resposta japonesa

TOQUIO, 10 — A Domei informa que a resposta ás notas inglesa, americana e francesa sôbre as intenções do Japão em materia de construções navais será entregue no dia 12 do corrente.—(Havas).

Um memorando dos industriais britanicos

LONDRES, 10.—A Federação das Industrias, num memorando dirigido ao ministro das Finanças, pede ao governo que não aumente as taxas dos impostos e que recorra, de preferencia, a um emprestimo se fôr necessario fazer novas despesas com a defesa nacional.

Os signatarios daquele documento declaram que «a Federação reconhece que o custo do rearmamento somado ás necessidades normais do orçamento torna inevitavel a manutenção este ano dum pesadissimo fardo fiscal. Mas, dizem, já se observam certos sintomas de que o periodo maximo da actividade dos negocios está longe do seu fim e que qualquer aumento dos impostos representaria um serio ataque á confiança da nação».—(Havas).

O MOMENTO INTERNACIONAL

A politica externa de Roosevelt

WASHINGTON, 10.—A nomeação de Adolfo Berle para o cargo de secretario de Estado adjunto, em substituição de Hugh Wilson, que foi nomeado embaixador em Berlim, é interpretada como reforço da politica de Roosevelt. Berle pertencia ao primeiro grupo dos conselheiros de Roosevelt no principio do «New Deal» e nunca deixou de manter com o presidente amistosas relações. Embora seja especialista em questões juridicas e economicas, a sua entrada no Departamento de Estado estabeleceu os laços mais estreitos entre os serviços da politica externa e a Casa Branca.—(Havas).

Novas construções navais

Sob a presidencia do sr. capitão de fragata engenheiro construtor naval Avila de Melo, ladeado pelos srs. capitão-tenente engenheiro Lemos Viana e 1.º tenente da Administração Naval Soares de Oliveira, efectuou-se esta tarde, no Arsenal de Marinha, o concurso para o fornecimento de aparelhos motores, maquinas auxiliares e outra aparelhagem destinada ás nossas vedetas de alto mar a construir no Arsenal do Alfeite.

Apresentaram propostas quinze empresas estrangeiras. Uma comissão vai agora proceder ao seu estudo, para depois apresentar um parecer que servirá de base á adjudicação do material.

A GUERRA CIVIL EM ESPANHA

O problema da retirada dos voluntarios começa a ser encarado praticamente

Os prisioneiros feitos pelas tropas nacionalistas na frente de Teruel aprendem a fazer a saudação fascista.

LONDRES, 10—Tratando do problema da retirada dos voluntarios de Espanha em função das conversações anglo-italianas, o correspondente diplomatico do «Manchester Guardian» escreve: «Crê-se em Londres que existe a probabilidade de ver realizar-se a retirada dos voluntarios nos proximos meses, embora se admita que a intervenção se faça sobretudo na exportação de material de guerra e envio de tecnicos e que ela continuará e poderá mesmo ser aumentada embora retide da Espanha o ultimo voluntario. Não ha duvida de que a atitude da Italia parece um tanto mais favoravel. Não só a Imprensa italiana dá essa impressão, mas é fora de duvida significativo que pela primeira vez depois da assinatura do acôrdo Roma-Berlim a Imprensa alemã tenha criticado a politica italiana. Londres deseja firmemente ver a deminuição da tensão anglo-italiana e ha uma esfera altamente colocada—embora não seja provavelmente a mais competente—que gostaria de «fazer alguma coisa» a esse respeito. Quando se pregunta o que é preciso fazer-se não se recebe nenhuma resposta precisa, mas quando fôr evidente que a intervenção italiana em Espanha está a terminar, haverá pelo menos uma possibilidade de abrir negociações do genero das que foram encaradas por ocasião da assinatura do «Gentlemen's agreement» ha mais de um ano—(Havas).

A repercussão europeia da situação em Espanha

PARIS, 10.—Comentando a situação em Espanha e as repercussões europeias, «L'Epoque» diz: «Por favor—não recomecem as discussões intermináveis. A Italia parece disposta a retirar até 75 por cento. Transija-se em 80 por cento e não se fale mais nisso, ou então deixe-se á comissão internacional de não intervenção o direito de decidir sobre o momento em que a retirada dos voluntarios seja suficiente para reconhecer aos nacionalistas os direitos de beligerancia. E' bem neste sentido que o gabinete britanico parece orientar-se. Procura-se uma formula que, embora fazendo abstracção de percentagens, a todos dê satisfação».

O «Figaro» escreve: «Importa dar um caracter internacional ao acôrdo bilateral que vai negociar-se entre Roma e Londres, mas naturalmente os sovietes—menos para defender a «causa republicana» do que inquietos com a possivel aproximação entre os Estados fascistas e a Grã Bretanha—procuram entravar tanto quanto possivel a obra de conciliação empreendida em Londres.

Em «L'Oeuvre» Madame Tabouis escreve: «Desde ontem de manhã os italianos fazem marcha atrás. Grandi ficou desorientado com as preguntas muito nitidas de Eden sobre a situação que criaria aos tecnicos alemães e italianos e ás tropas marroquinas dependentes da autoridade do sultão. O dia de ontem foi francamente mau. Crê-se geralmente que os italianos tinham esperado obter o principio da realização dos seus «desiderata» da parte dos ingleses sem retirarem a totalidade das suas tropas. Segundo as nossas informações, Eden foi absolutamente categorico na materia».

Em «La Republique» Pierre Dominique escreve: «Em 1935 os ingleses tremeram menos pelo imperio que por amor proprio. Nada esqueceram. Avisada andará a Italia, se tiver isso em conta. Ao mesmo tempo que a Gran-Bretanha constroi couraçados e acumula novos meios militares, todos os dias vai juntando novos trunfos. Joga-se uma partida de «poker», em que a Gran-Bretanha tem muito boas cartas para fazer agora «bluff».

O correspondente de «Le Journal» em Londres diz: «Para a França e a Gran-Bretanha a retirada de 75 dos voluntarios pareceria substancial. Para a U. R. S. S. seriam precisos 85 por cento. Para o Reich e a Italia nenhuma dessas percentagens seria de aceitar. Grandhi teria declarado que a Italia se inclinaria se as comissões internacionais se mantivessem na proporção franco-britanica de 75 por cento. A U. R. S. S., porém, nada quere saber. A atmosfera não é muito favoravel.—(Havas).

A prisão do marquês de Portago

BORDEUS, 10.—De Baiona informam aos jornais: Continuaram no Palacio da Justiça até á uma hora da manhã os interrogatorios e as acareações do marquês de Portago, do estudante Martin y Bornejo, do electricista Escaureaza e de Arana. Terminado aquele interrogatorio nocturno, foi comunicado aos quatro espanhois que eram acusados de novo delito: infracção da lei das substancias venenosas. Mettetai, advogado do marquês de Portago, declarou que o seu constituinte opusera as mais formais negações ás acusações de que era alvo. Seguidamente os acusados foram conduzidos de novo á prisão de Baiona.—(Havas).

PARIS, 10.—Os circulos monarquicos desmentem categoricamente que o marquês de Portago, preso ante-ontem perto da fronteira franco-espanhola, esteja aparentado directa ou indirectamente com a familia real espanhola.—(Havas).

BAIONA, 10.—No interrogatorio a que foi submetido ontem á noite Jesus Escoriaza, suspeito de cumplicidade com o marquês de Portago, acusou este de lhe ter entregue ampolas com veneno destinadas a causar a morte a três personalidades republicanas espanholas actualmente em França. O marquês desmentiu-o formalmente, mas o juiz declarou que continua contra ele e os seus três cumplices a acusação de infracção á legislação sobre substancias venenosas. O interrogatorio durou até á 1 e 30.—(Havas).

Os que passam a fronteira

HENDAIA, 10.—Uns 30 refugiados espanhois que em tempos foram evacuados de Madrid seguiram para Irun esta manhã. São, na sua maioria, mulheres e crianças de tenra idade. Por outro lado, cêrca de 20 jovens que tinham transposto clandestinamente a fronteira espanhola, foram enviados para Cerbere donde seguirão para Barcelona.—(Havas).

O aniversario da tomada de Malaga

SALAMANCA, 10.—O Radio Nacional comunicou ontem: Continuaram hoje as festas organizadas por ocasião do primeiro aniversario da libertação de Malaga. A's 9 horas celebrou-se uma missa campal. A's 10 e 30 o general Queipo de Llano inaugurou um novo aerodromo na presença do comandante geral das forças navais e de varias personalidades oficiais. Depois os alunos da escola de observadores prestaram juramento á bandeira. A's 17 horas a municipalidade ofereceu um lanche a Queipo de Llano e ás autoridades civis, militares e eclesiasticas.—(Havas).

Cerimonias de exaltação nacionalista

SALAMANCA, 10. — Celebraram-se serviços funebres em todas as capitais da provincia em honra dos estudantes mortos em defesa da causa nacionalista e para comemorar o aniversario da morte de Matias Montero, estudante assassinado em 9 de fevereiro de 1934. Em Salamanca, Sevilha, Valladolid e S. Sebastian, principalmente as manifestações revestiram um caracter imponente e a elas assistiram as autoridades militares, civis e religiosas, assim como representantes da Falange e das associações dos estudantes.—(Havas).

MAXIM'S Hoje — Grandioso Baile de Mascaras
Variedades pelo Ballet Lya-Berly
Surpreendentes decorações luminosas
AS SENHORAS MASCARADAS TÊM ENTRADA LIVRE

ESTAFA
a ultima novidade em TALHERES
aço 100 % inalterável
Ménage Ideal
162, Rua da Prata, 166

COMENTARIOS SIMPLES

PAGINA DE QUINTA-FEIRA

por NORBERTO DE ARAUJO

Dos reis e do povo

Ha figuras que nos ficam eternamente na retina, tal qual foram um dia. Homens que se quedam, extaticos, na memoria visual: dir-se-ia que pararam no momento Z —que se imobilizam.

Se a alguem sucede isto com frequencia—é aos jornalistas em primeiro lugar.

E porquê? Porque o jornalista fixa, demora, grava em si proprio num talhe dôce aberto no aço.

Modifica-se o fisico, a estrutura aparente; abrem-se sulcos, grisalham os cabelos. A transformação moral acarreta uma transformação da superficie.

«Ele já não é agora como era então...» E' certo. Mas permanece como foi no momento Z.

Este fenomeno comum — observado, como digo, mais intensamente nos homens que fazem Imprensa?tem o seu grande ponto experimental na idéa que se faz hoje de uma criança que se conheceu, uma vez ou uns periodos ligados, há já muitos anos.

Nunca mais cresceu a criança. «Quê? A senhora é aquela menina que um dia...» Sim; é ela.

Não cresceu—em nós.

Assim certos homens, vistos uma vez e a distancia já, são iguais a dantes. Dir-se-ia que contemplámos—uma estatua.

Das muitas figuras que passaram na minha retina, uma foi agora reavivada, como a placa de cobre aberta a buril, e sôbre a qual a poeira, nevoa do tempo relativo, se acumulara.

A oportunidade, o aproposito, é o pano de camurça que limpa e lava a figura ao brilho pulido da primeira hora.

Estou a ver o duque de Brabante.

* * *

Foi na Ajuda há pouco menos de vinte anos: 2 de novembro de 1920.

O rei Alberto passara por Lisboa no regresso do Brasil. Uma viagem de «incidencia»; logo trabalhada num sentido diplomatico de cortezia e cordialidade. Era Chefe do Estado português essa figura nobilissima e plebeia de Antonio José de Almeida, muito presidente da Republica no tipo das velhas democracias, e que não estava mal dentro da larguesa sumptuaria do Palacio, que fôra real, palacio que tinha ainda uma ambiencia austera, na multiplicidade das evocações, que se aninhavam nos relevos da talha doirada e nos imperceptiveis relevos dos damascos vermelhos.

A rainha Elisabeth, de sangue português, filha da Infanta D. Maria José de Bragança, com sinais evidentes de fadiga da viagem no mar—perdeu-se mais na minha retina.

O rei Alberto, sóbrio até á frieza, de lunetas de fisico de laboratorio, alto, muito soberano, popular tambem, e nada afectado—recordo-o bem.

Mas o filho—esse guardo-o como se o tivesse visto ontem, E assim evoco o rei Leopoldo III como o vislumbrei de perto, duque de Brabante, num dos salões do Paço da Ajuda.

Era um rapaz; tinha precisamente 19 anos, completados em Lisboa. Nada comunicativo, distraia-se a olhar os objectos de arte, os retratos sobretudo, as mediocridades artisticas de sumptuosa superficie, e que certamente o não deslumbrariam.

Não sei se escrevi então isto: «este moço parece que traz consigo uma cruz». Se o não escrevi—pensei-o.

Não revelava timidez, e muito menos poderia revelar carencia de «á-vontade». Não era bem o que se possa supôr um principe-infante. Transparecia do duque de Brabante uma gravidade que não pousava.

Do rei ainda ouvi algumas palavras; do principe—nenhumas.

Este moço—que já fizera a guerra—seis anos depois enamorou-se da desditosa Astrid, uma rainha de balada melancolica. E aos 29 anos era rei.

As circunstancias em que o seu pai desapareceu da vida—o drama pesando sôbre o luto—deviam-lhe ter dado á figura, grave de si e distraido na contemplação de retratos reais da Ajuda (assim o vejo) um aspecto fatalista, resignado, que Astrid adoçaria com as suas mãos de marfim, em laivos côr de rosa.

E os fados cumpriram-se. A linda Astrid morreu. A tragedia seria, a poucos anos de distancia do drama, superior ás forças de um homem que não fosse, não tivesse que continuar a ser—rei.

Imagino hoje Leopoldo III muito diferente do principe de Brabante. Imagino por força da razão e da logica. Pela imposição das responsabilidades e da dôr, que não conhece castas.

Mas se o imagino assim, ao rei dos belgas, de 37 anos, como o teimo em ver é rapaz de 19, despreocupado de «ser simpatico», sendo tal qual era, em pronuncios de uma alta e generosa gravidade, já no culto da heroica e humana existencia—no dizer lapidar desse principe do espirito que é Augusto de Castro.

*

Isto me acode ao fio da conversa no aproposito da visita de Leopoldo III ao Palacio da Legação de Portugal em Bruxelas, há três dias.

Essa recepção, que não teve nada de postiço ou de teatral, e cuja bela exterioridade decorativa e mundana foi aquela que as circunstancias naturalmente impunham numa casa portuguesa—de tradições fidalgas no sangue da Historia—dirigida por um homem de requintado sentimento de beleza, numa noção pura de dignidade, diplomata moderno, do tipo daqueles para quem é degradante caminhar em andas.

E ali mesmo eu vejo de preferencia ao rei o duque de Brabante, porque o fenomeno persiste: transformo o palacio da Rue de Arlom, e que foi dos condes de Oultremont, no palacio Real da Ajuda.

E é-me dado, em privilegio, reduzir a idade do jovem rei, passá-lo ainda a infantezinho crescido, enfiado na farda do Yser, com aquela gravidade denunciada, sem o sorriso aberto de 1926—o sorriso nupcial de amor que se apagou ao volante de um carro traiçoeiro.

Simplesmente quero acrescentar á visão—um pouco de imaginação subtil.

Entre princesas, grandes damas nobres, toda a beleza feminina, que a mocidade eleva ao grau de extase—da mesma forma que certas flores que nasceram sem perfume só pela frescura exalam aroma—Leopoldo III, duque de Brabante, teria pensado, na frase de Nunes Claro, porque o coração não tem protocolo e tambem se distrai na contemplação de retratos que não estão em parte nenhuma:

—Todas, e ela não...

* * *

Ao considerar o exito indiscutivel de «Recompensa»—e ante o original vivo na cena—chego á conclusão de que o talento dos autores não é, ele por si só, a garantia do triunfo de uma obra de teatro.

Acaso, Ramada Curto neste caso e outros escritores em seus particularissimos casos—têm de subito um abaixamento de meritos, ou beneficiam, subito, de uma explosão propicia de genio?

Um factor contribui, e se liga, como estanho á prata, e como prata ao ouro, para a solidez da peça lavrada, para a sua rigidês de corpo belo, como que defendendo a curva plastica de deformação visual por incidencias.

A justiça do assunto; a razão da oportunidade.

O autor de «Recompensa», cujo trabalho está dentro da sua maneira flexivel de sempre, rasgada de formas, livre de espirito, penetrante como processo e limpida como forma, não acusa neste romance nem mais nem menos experiencia do que anteriormente.

A felicidade bafejou-o no assunto.

E o assunto chegou na altura propria. Eis a compensação do merito—de escolha.

Não há verbo histrionico que desfaleça quando a expressão literaria se funde no misterio sagrado da justiça.

O dramaturgo não fez uma peça «em socialismo»; fê-la em logica. Colocou-lhe uma cupula—de razão.

E' um erro crasso dos livros de capa vermelha chamar povo só áqueles que trabalham—em baixo. Isto é: na oficina; quero dizer em relação ao assunto: no tear.

De onde saiu o contramestre da fabrica? e o gerente? e o proprietario? e o industrial que foi tambem mecanico?

Do povo que vai comer ao meio dia, quando silva o apito.

O que sucede é que, enleados num mundo de preconceitos «de ambiente», e arrastados por velhas normas, tão egoistas como cegas, vitimas da sedução que o trabalho oferece ao capital vadio, que procura colocar-se como criado grave desempregado—e que tem de seu o suficiente para viver — o que sucede é que mercê de circunstancias, ás quais não assiste justiça, essas particulas de povo que ascende ao patronato muitas vezes se esquece de si proprio —e se prostitui.

No fundo patrões e operarios são os mesmos homens; sofrem de desigual maneira iguais contingencias. E sendo irmãos tratam-se por senhores primos, dando a impressão de primos afastados, tão afastados—que já não se são nada.

Um melhor entendimento, uma melhor distribuição, uma melhor compreensão de disciplina—uma mais perfeita justiça aplicada ao trabalho.

Normas estas que cabem em todos os sistemas politicos e sociais, desde que presida a eles um pensamento do bem—que não são privativas deste ou daquele regime branco ou vermelho.

Colocar «o facto» em «Arte», dar-lhe emoção que é o suor que transpira da estatua—eis o problema do artista escritor e pensador.

Sem esta noção de beleza justa ou de justiça bela (a alternativa não corresponde a identidade) não ha talento que vingue, nem actores que representem, nem publico que se interesse, nem conjugação de opiniões que se salve.

Por isso digo que o autor de «Recompensa» teve um momento propicio, quando conseguiu que o seu talento encontrasse nos caixotes do lixo das varias trivialidades mais ou menos intelectuais e doutrinarias, adquiridas no Bazar Internacional das Novidades —um assunto.

Uma perola!

Perola que assenta bem na sensibilidade de toda a gente.

Eis o que digo, porque quero—sem me importar se o merecem se não.

Merece-o—a justiça, que é tambem uma «cousita qualquer» que assiste na consciencia de quem faz jornalismo.

* * *

Para onde vão estes emigrantes todos que deixam o Minho e a Galisa para embarcarem para longinquas terras de outros continentes?

Para que sitio certo se destinam?

Para que destinos caminham?

Eles não sabem. Vem lá no passaporte; eles não lêem.

Seguem a sua fatalidade; um destino...

Não nos venham dizer que é a densidade populacional que origina o fenomeno emigratorio. A parte da explicação é tomada pelo todo.

Partem—até os que sabem para onde vão—para a aventura.

Está-lhes no sangue, no fatalismo, na inferioridade da condição, caracterizada pela ausencia de «vontade natal».

E todavia—ninguem quere mais á terra, á sua terra, ao lar, ás crianças, aos mortos acomodados no cemiterio da aldeia, aos vivos decrepitos aninhados ao canto da lareira—do que o homem do Minho.

E' um caso fatidico de Amor—que se deixa vencer.

Os exemplos de um «americano» de um «brasileiro» que construiu uma casa boa, que deita foguetes na romaria e dá somas para a Misericordia — estão-lhes sempre diante dos olhos.

Tambem posso um dia ser «brasileiro». «Tambem eu posso um dia voltar, e trazer foguetes»—simbolo da penuria festiva—na mala comprida, onde se acomodarão sacrificios e alguns mil réis.

E a verdade é que partiram como rebanho, e como nos rebanhos cabeças novas que mal sabem retouçar gramineas, desvendar misterios dos prados verdes.

Que desilusões, que percentagem de desilusões cairão em breve sôbre aquelas cabeças de velhos, sôbre as esperanças de novos, na inconsciencia auroreal dos infantes?

A emigração é um fenomeno natural e benefico. A exportação de braços, como a das inteligencias, pode ter uma contrapartida de riqueza colectiva e individual.

Mas esta emigração de há dias não é emigração. E' exodo. E' fuga. E' condenação.

E só por isto eu a não compreendo. Nem eu, nem vocês, amigos fieis, que cabemos todos apertados á roda desta mesa de café—e não temos pensamento reservado nos nossos arrazoados.

Carregam-se comboios de gente como se carregam porões de navios de sacas de adubo.

E' mesmo um adubo vivo—é saudavel. Deus do ceu!—este que os engajadores carregam agora.

Algum pessimismo haverá neste discurso. Mas quantas desilusões —de que não haverá conhecimento, porque já não vêem em levas mas dispersas, corresponderão um dia ao travo amargo desta lamuria?

NORBERTO DE ARAUJO

ROUBO DUM BURRO

VILA REAL DE SANTO ANTONIO, 9.— O comandante do posto da Guarda Nacional Republicana desta vila, 1.º cabo Ruas, mandou hoje para juizo José Baptista Soares, de Olhão. O Soares foi preso ha dias em Olhão e durante umas investigações veio a apurar-se que tinha sido o autor do roubo dum burro, praticado em agosto de 1936 nas Hortas desta vila juntamente com um outro individuo tambem de Olhão, que anda fugido.

4 Mobilias—3.500$00

Quarto, casa de jantar, escritorio e sala, 33 peças—Facilidades de pagamento.

ESTABELECIMENTOS MATEUS

156, R. S. Lazaro, 172 telef. 4 0538

NOTICIAS DA FIGUEIRA DA FOZ

«Entre giestas»

Quando Carlos Selvagem idealizou e escreveu a sua formosissima peça «Entre giestas», talvez se não tivesse lembrado que o seu dramatico poema em prosa, retintamente regionalista, pudesse vir a ser interpretado por amadores.

Veio essa grande pagina de teatro português á Figueira, trazida pelos simpaticos «artistas» de Tavarede—de quem ha dias nos ocupámos, embora apressadamente.

Não querendo estabelecer confrontos—não esquecemos que a vimos representada por algumas das mais notaveis figuras da cena nacional—sempre diremos, no entanto, que gostavamos que Carlos Selvagem visse esta sua peça na bôca dêste grupo.

Porque ela é representada por gente nascida e criada junto dos motivos eternos da terra que se amanha com os bagos de suor; porque ela é representada por moços e raparigas que sabem como o arado rasga o ventre das leiras, como a enxada faz sangrar os segredos dos pousios, o Grupo de Tavarede dá a «Entre giestas» uma brilhante interpretação, cheia de carinho—e de caracter.

O amor, que anda na peça numa revolta e numa exaltação, em prece e em vingança, em adoração e em fustigante rebeldia, serve para que os amadores de Tavarede melhor entendessem o desejo que animou Carlos Selvagem.

Com grande e humano sentimento compreenderam esse drama os que, debruçando entusiasmo e obediencia sôbre as suas dificeis interpretações, nos deram os fieis tipos que o autor sonhou.

«Entre giestas», desde aquela tarde domingueira, junto ao Cruzeiro, até ao magnifico dueto final em que o bem-querer vence a fogueira da vingança, teve no benemerito grupo que o talento do nosso camarada José Ribeiro anima, impulsiona e protege, quem entendesse a emoção que paira nessas formosissimas aguarelas rurais, onde o amor, divinisado pelo sofrimento, é superior a todas as renuncias!

CARLOS SOMBRIO

Campo de aviação

Procurou-nos o sr. capitão Arede Santa, vereador da Camara Municipal, para nos dizer que, acêrca dumas noticias vindas num dos nossos colegas de Lisboa, sôbre campos de aviação, que não desmente que Leiria fique na linha de navegação, como é afirmado, mas que é menos verdadeiro o campo da Murraceira «ter sido lamentavelmente abandonado». O campo desta cidade—diz-nos o sr. capitão Arede Santa—está sendo ampliado, tendo sido gastos no ano findo, com a sua preparação, cêrca de 130 contos.

Gostosamente damos esta boa noticia, e muito desejamos que este ano possamos vêr completamente concluidas essas obras, que constituem um grande e justo desejo duma cidade que, para singrar, nunca precisou de procurar prejudicar outra—mesmo através de noticias.

Cabo Mondego

A companhia concessionaria do Centro Mineiro do Cabo Mondego foi autorizada a transferir os seus direitos para uma nova sociedade.

Um dos artigos do decreto-lei que se refere a este assunto autoriza que em substituição da actual linha de via reduzida—cuja maior parte já está inutilizada, é garantido o direito de ligação de via larga, da concessão com a rêde ferroviaria do país.

Como o Estado comparticipará com o subsidio de 300 contos por quilometro, na construção do novo caminho de ferro, esta noticia foi recebida com jubilo, pois a começarem as importantes obras, serão certamente utilizados muitos trabalhadores desempregados.

Mendicidade

O cortejo dos pobres mendigos continua.

Mais uma vez lembramos á Camara Municipal a reorganização da antiga Comissão de Assistencia, que, se não evitava totalmente a mendicidade, a atenuava muito com a sua zelosa e benemerente acção.

Um espectaculo do pessoal

da Companhia dos Telefones

No proximo dia 14, pelas 21 e 30, realiza-se no teatro Politeama uma récita promovida pelo pessoal da Companhia dos Telefones a favor da sua «Caixa de Auxilio». Subirá á cena a conhecida comedia em 3 actos «Desculpa, ó Caetano», interpretada por empregados da companhia, e uma revista em 1 acto e 3 quadros — «94» — da autoria de dois funcionarios da A. P. T., o sr. L. Ferreira e o sr. Tobias Valido, este ultimo autor da parte musicada.

Os bilhetes para esta recita, a preços acessiveis, estão á venda nas sucursais da Companhia dos Telefones, no Rossio e na rua da Conceição e podem ser marcados pelos telefones 33 (Serviço Informativo) ou 94 — Extensão 207.

TEMAS DO NOSSO TEMPO

Actividade corporativa em 1937

O economista francês F. Perroux, num trabalho recente (1), referindo-se ao Estado Corporativo em Portugal, escreve, a pag. 105, o seguinte:

«Je n'hesiterai pas à dire que l'on sert aussi mal la cause de la verité et qu'on comprend aussi imparfaitement le Portugal nouveau en acceptant les injustices de l'enthousiasme. Le régime salazarien a été dans divers pays de l'Europe occidentale l'object de jugements sans nuances et d'une réclame sans discrétion qui sont fort peu dans la manière du peuple portugais et de celui qui le dirige aujourd-hui».

Urge, portanto, analisar a «ordem nova» com todas as suas realizações, através dum criterio imparcial, sem espirito faccioso nem intenção reservada e, tendo apenas em vista, uma melhor compreensão da realidade.

Deste modo se conseguirá, não só caminhar em terreno mais firme, como ainda aumentar as esperanças que, se depositam, no sistema corporativo português.

Segundo esta ordem de idéas, damos abaixo nota, sob aspecto quantitativo, do movimento corporativo, em 1937, salientando, como é natural, os seus elementos primarios—Gremios, obrigatorios e facultativos. Sindicatos e Casas do Povo.

I—Numero de Gremios criados:

a) obrigatorios em 1937—1 (dos Exportadores de produtos resinosos). Nos anos anteriores, 25. Total, 26.

b) facultativos em 1937 — 3 (Nacional dos Industriais de Fosforos, Distrital dos Vendedores de Carvão de Lisboa e Concelhio dos Industriais Barbeiros e Cabeleireiros do Porto). Nos anos anteriores, 5. Total 8.

Verifica-se que, enquanto se criou apenas um gremio obrigatorio, fôram organizados três facultativos, o que revela, sem duvida, uma melhor compreensão por parte das entidades patronais das verdadeiras vantagens do novo sistema e, portanto, um desenvolvimento apreciavel do corporativismo de associação.

II — Numero de Sindicatos Nacionais (2) constituidos:

DISTRITO	Em 1937	(1933-1936) nos anos anteriores	Total
Aveiro	5	7	12
Beja	1	1	2
Braga	1	16	17
Bragança	—	1	1
Castelo Branco	—	6	6
Coimbra	2	8	10
Evora	—	1	1
Faro	4	5	9
Guarda	1	—	1
Leiria	1	4	5
Lisboa	3	43	46
Portalegre	1	—	1
Porto	8	45	53
Santarem	—	2	2
Setubal	—	14	14
Viana do Castelo	3	3	6
Vila Real	—	2	2
Viseu	—	5	5
Angra do Heroismo	—	2	2
Funchal	3	12	15
Horta	1	—	1
Ponta Delgada	—	6	6
Totais	34	183	217

Conclui-se que é o distrito do Porto aquele que maior numero de sindicatos possui (53), seguindo-se-lhe Lisboa com 46 e Braga com 17.

III — Casas do Povo.

As Casas do Povo, não só como elemento primario da organização corporativa, mas ainda pela sua originalidade, merecem bem as referencias embora ligeiras que a seguir lhe fazemos.

Numero de Casas de Povo formadas:

DISTRITO	Em 1937	(1933-1936) nos anos anteriores	Total
Aveiro	1	5	6
Beja	11	15	26
Braga	6	4	10
Bragança	15	17	32
Castelo Branco	5	11	16
Coimbra	1	11	12
Evora	5	10	15
Faro	—	8	8
Guarda	2	1	3
Leiria	1	11	12
Lisboa	1	5	6
Portalegre	7	14	21
Porto	1	—	1
Santarem	2	20	22
Setubal	5	4	9
Viana do Castelo	2	6	8
Vila Real	2	21	23
Viseu	4	17	21
Angra do Heroismo	1	1	2
Funchal	2	1	3
Horta	1	—	1
Ponta Delgada	1	3	4
Totais	76	185	261

IV — Contratos e Acôrdos Colectivos de Trabalho:

Fôram celebrados cêrca de 15 (até fim de Novembro), devendo, porém, destacar-se dois acôrdos colectivos realizados pelas Soc. F. da Silva e Cunha e Filhos, do Porto, e Soc. Pimentel e Costa, de Lisboa, com o respectivo pessoal.

V — Organismos de Coordenação Economica:

a) Comissões Reguladoras: foi criada a do algodão em rama (Dec. n.º 27.702, de 15-5-937).

b) Juntas Nacionais: formaram-se duas: a do Vinho (Dec. n.º 27.977, de 19-8-937) e a do Azeite (Dec. n.º 28.153, de 12-11-937).

VI — Legislação: Devem citar-se os seguintes diplomas: Decreto-lei n.º 27.552, de 5 de março — estabelece o regime corporativo para as colonias.

Lei n.º 1952, de 10 de março — fixa as bases do contrato de trabalho.

Lei n.º 1.953, de 11 de março — cria as Casas dos Pescadores cujo regulamento se encontra no decreto n.º 27.978, de 20-8-937.

Lei n.º 1.957, de 20 de maio — enuncia as bases da organização corporativa da agricultura.

VII — Bibliografia sôbre a experiencia corporativa portuguesa:

Albertino de Matos — Contratos de trabalho e Previdencia Corporativa.

Augusto da Costa — A Nação Corporativa (3.ª edição) e Codigo do Trabalho.

Centro de Estudos Corporativos — Uma série de conferencias.

Cotta (Freppel) — Economic Plaining in Corporative Portugal.

George West — The new corporative State of Portugal.

Marcelo Caetano (prof.) — Sistema Corporativo.

Pedro Teotonio Pereira — A Batalha do futuro (2.ª edição).

Salazar — Une revolution dans la paix.

Secretariado da Propaganda Nacional — publicações periodicas.

Ficam, assim, fora desta apreciação as instituições de previdencia dos organismos corporativos — Caixas Sindicais de Previdencia, Caixas de Previdencia das Casas do Povo — mas delas nos ocuparemos, em futuro trabalho.

PINTO BARBOSA

(1) — Capitalisme et Communauté de Travail — Paris, Sirey, 1938.

(2) — Não se incluem os sindicatos de profissões livres.

PARA TAPETES E ALCATIFAS TÊM V.Exas UMA CASA ESPECIALIZADA
R. IVENS, 30 34 QUINTÃO LISBOA
APRESENTA BEIRIZ E ARRAIOLOS E EXECUTA QUALQUER DESENHO

Mundanismo

ANIVERSARIOS

Fazem amanhã anos as senhoras:

Condessa de Tarouca, D. Maria Teodolinda de Melo Fragoso Carmona Pinto, D. Alda de Sousa e Vasconcelos Pereira Alves, D. Maria Fernanda Rebelo de Andrade, D. Maria do Carmo Guimarães Pestana de Magalhães, D. Ana Infanta Sequeira Soares, D. Eduarda de Sá Pereira e D. Maria Isabel Pinto da Silva.

JANTAR DIPLOMATICO

A ilustre escritora sr.ª D. Olga de Morais Sarmento que se encontra actualmente em Lisboa, ofereceu ontem no restaurante Negresco um jantar a que foram convivas as seguintes pessoas: embaixador do Brasil e senhora de Araujo Jorge, ministro da Belgica e condessa de Lichtervelde, ministro da França e senhora de Aimé Leroy, ministro dos Estados Unidos da America e senhora de Pell, encarregado dos Negocios de Cuba e senhora de Francisco de Arce, visconde de Riba Tamega, baronesa de Lebnard-Rappa, Gabriel da Silva, tenente Mario Carvalho Nunes e D. Maria Adelaide Daun e Lorena de Carvalho Nunes, Pedro de Freitas Branco e D. Maria de Leveeque de Freitas Branco, D. Virginia Vitorino e Francisco Cabral Metelo.

CASAMENTOS

Celebrou-se na capela da Casa de Sarnade, em Marco de Canavezes, presidido pelo reverendo Antonio da Rocha Reis, amigo intimo da familia do noivo, que no fim da missa pronunciou uma brilhante alocução, o casamento da sr.ª D. Maria Noemia Coelho de Macedo Pinto, gentil filha da sr.ª D. Maria Madalena Coelho de Macedo Pinto e do sr. dr. Vitor Macedo Pinto, com o sr. Joaquim Peres Ventura Pinto, filho da sr.ª D. Inês de Almeida Peres da Silva Pinto e do distinto engenheiro sr. Alberto Ventura da Silva Pinto, servindo de madrinhas a tia da noiva, sr.ª D. Maria do Carmo de Sampaio Tudela, e mãi do noivo, e de padrinhos os pais dos noivos.

Serviram de caudatarias as meninas Maria Emilia Ventura Couceiro da Costa, Maria Tereza e Maria José Guimarães Pinto da Silva e os meninos José Diogo Ventura Couceiro da Costa e José Manuel Guimarães Pinto da Silva, conduzindo as alianças o menino João Gonçalves de Macedo Pinto.

Finda a cerimonia, foi servido, nos salões da Casa de Sarnade, um finissimo lanche, seguindo os noivos, a quem foram oferecidas, em grande numero, valiosas e artisticas prendas, para o sul do país, onde foram passar a lua de mel.

BAPTIZADOS

Em Londres, celebrou-se o baptizado do menino D. João Antonio, gentil filhinho dos srs. condes de Estarreja (D. Isabel e D. Luiz), servindo de madrinha sua avó materna, sr.ª condessa de Lavradio, e de padrinho seu avô paterno, sr. conde de Estarreja, que se fez representar pelo avô materno, sr. conde de Lavradio.

NO CLUB TAUROMAQUICO

O tradicional baile de Carnaval do Club Tauromaquico, levado a efeito pela direcção desta elegante agremiação, de que é presidente o sr. marquês de Olhão, realizar-se-á na noite de sexta-feira, 25 do corrente, estando desde já aberta a inscrição para socios e seus convidados.

DOENTES

Foi operado, com muito êxito, pelo distinto cirurgião sr. dr. Bastos Gonçalves, a menina Maria Raquel Nunes Alves Silveira da Cunha.

—No Pavilhão da Familia Militar do Hospital da Estrela foi operado, com muito êxito, pelo distinto cirurgião sr. dr. Sacadura Botte, o sr. tenente Antonio Martins Ferreira Junior.

Baton pequeno 3$00, normal 9$50 e luxo 26$00. Procure *Michel* nas boas casas e na Perfumaria da Moda, ao Chiado.

BAILES

O maior e mais chic sortido de flores para vestidos de noite encontra-se na Camelia Branca, L.º Rafael Bordallo Pinheiro, 30, tao Chiado).

«A MULHER DE 1938»

Qualquer que seja o tom da pele ou a côr do cabelo «a mulhçr de 1938» encontra o «seu» baton nas sete encantadoras nuances do *Michel*—o baton que dá vida e beleza aos labios e os mantem frescos e macios durante todo o dia.

Blonde (natural) e *Capucine* (laranja) para loiras. *Brunette* (natural) e *Cherry* (escuro) para morenas. *Raspberry* (framboise). *Scarlet* e *Vivid* (tons vivos).

Maggiolly
chapeus modelos
e alta costura
Telef 29573 Rua do Mundo, 66, 1.º

VIDA DESPORTIVA

UMA INICIATIVA DE «O SECULO»

«I Circuito ciclista de Preparação»

O jornal «O Seculo», julgando interessante a realização de provas tendentes a provocarem a revelação de novos valores, resolveu promover, no proximo dia 6 de março, uma prova ciclista a que deu o nome de «I Circuito ciclista de Preparação».

Esta prova será disputada por corredores das categorias «amadores» e «populares». Nesta ultima categoria os corredores, ao inscreverem-se, terão de indicar um clube da sua simpatia.

A partida será dada de Algés, em direcção á avenida da India, Terreiro do Paço, Caminho de Ferro, Xabregas, Poço do Bispo, Moscavide, Estrada Militar até ás portas de Benfica, Estrada de Benfica, avenida Antonio Augusto de Aguiar, avenida Fontes Pereira de Melo, Marquês de Pombal, avenida da Liberdade e Restauradores, onde será instalada a meta de chegada.

Ao clube da primeira «équipe» de 3 corredores (amadores) que cortar a meta está destinada uma taça, e uma outra para o clube da «équipe» 2.ª classificada. Na categoria «amadores» e para efeito da conquista das taças, cada clube apenas pode classificar uma «équipe», podendo inscrever, porém, o numero que entender de corredores. O primeiro corredor a cortar a meta terá uma medalha de ouro e prata. Do 2.º ao oitavo corredor a cortar a meta todos terão medalhas de prata.

Na categoria «populares», o clube da simpatia do primeiro corredor a entrar na meta terá uma taça e o corredor uma medalha de prata.

Serão distribuidas medalhas, igualmente, do 2.º ao oitavo corredor chegado. Os corredores «populares» terão de encher um boletim de licença na União Velocipedica Portuguesa. As inscrições são absolutamente gratuitas.

Trata-se, sem duvida, duma iniciativa interessantissima do nosso colega «O Seculo», que merece ser acariñada pelos organismos dirigentes, clubes da especialidade ou que mantêm secções, e praticantes da modalidade. Pela nossa parte não lhe regateareemos aplausos.

AUTOMOBILISMO

O 2.º Rallye ao Algarve

Já se encontram inscritos alguns automobilistas no 2.º Rallye ao Algarve, que o Automovel Club de Portugal organiza, abrindo a temporada da especialidade. Ora, estamos ainda a dez dias da competição, e como os nossos desportistas costumam guardar a sua inscrição para o ultimo dia, é facil calcular o que significam as inscrições recebidas na sede do A. C. P. — muito entusiasmo e desejo de visitar o Algarve na sua fase esplendorosa das amendoeiras em flor.

O «2.º Rallye ao Algarve» transformar-se-á, pois, num belo passeio desportivo: é mais um pretexto para observar a beleza da paisagem algarvia, do que propriamente uma competição, pois tanto a média exigida pelo regulamento como a prova complementar, estão ao alcance de qualquer automobilista.

Preparam-se no Algarve varias festas em honra dos concorrentes: passeios, almoços e bailes. Ha, porém, toda a necessidade dos automobilistas se inscreverem quanto antes, a-fim-do A. C. P. tratar das instalações e de tudo quanto diga respeito ao «rallye».

UMA ATITUDE DO OPERARIO

São castigados varios jogadores

A direcção do Operario Football Club, depois de apreciar a conduta irregular de alguns dos seus jogadores, no passado domingo, em Santa Cita durante e depois do desafio que o seu grupo dê Lonra disputou ao Grupo Desportivo Matrena resolveu aplicar os seguintes castigos: Teodoro Rodrigues, 60 dias de suspensão; Julio Lopes Amorim, 30 dias; Ferrei Mendes Abrantes e Manuel de Oliveira, suspensos até á proxima assembléa geral; e Antonio dos Santos Cardoso, Ricardo de Oliveira, Ranilde André e José da Costa, repreensão registada.

AS GRANDES REALIZAÇÕES

O estadio do Sporting

A Comissão Executiva do Estadio do Sporting acaba de receber do arquitecto Raul Tojal o projecto definitivo do Estadio que o clube do Campo Grande projecta levar a efeito e para cujo custeio a massa associativa tem sido solicitada. O projecto é altamente interessante sob todos os aspectos.

Sabemos que dentro em breve se realizará uma conferencia sobre o valor da obra, quer sobre o ponto de vista tecnico, quer sobre a importancia que da sua construção resulta para o desenvolvimento do desporto. A-fim-de que o grande publico possa ajuizar do empreendimento a que o Sporting Club de Portugal se devotou, tambem vão ser expostas em diversos estabelecimentos da capital, fotografias da «maquette» do estadio que vai ser construido.

FOOTBALL EM ESPANHA

Selecção Nacional, 3-Marrocos, 1

A selecção de football da Espanha nacionalista defrontou, em Ceuta, no passado domingo, a selecção de Marrocos. Venceu por 3 a 1.

O VINHO E O AZEITE

MOGOFORES, 9.—As fabricas e lagares de azeite, terminaram aqui a sua laboração, tendo tirado bôa maquia pela abundancia de azeitona que houve este ano.

O azeite fino corre aqui a 6$00 cada litro e o lagareiro a 5$50.

O vinho custa agora na adega do lavrador entre 13$00 e 15$00 cada almude de 20 litros, conforme a sua graduação alcoolica.

«LEGIÃO PORTUGUESA»

Ficam por este meio avisados os legionarios do 1.º, 2.º, 3.º e 4.º terços da Brigada Naval, que têm instrução no proximo domingo, 13, ás 9 horas no Quartel de Alcantara.

Os legionarios sem formação pertencentes as 1.ª e 2.ª escolas de instrução, têm tambem instrução, no mesmo dia e hora, no mesmo local.

MUSICA

«O violoncelo, sua historia, literatura, pedagogia e metodologia»

E' este o titulo duma obra que a ilustre violoncelista-compositora Adelaide Saguer fará aparecer ainda este mês.

Esta obra, unica no genero em Portugal, deverá despertar grande interesse artistico no meio musical, pela complexidade dos problemas que apresenta. Ali é apresentada a historia completa do instrumento desde as origens mais antigas até aos nossos dias e todos os nomes que se têm distinguido no estrangeiro de cultores do violoncelo foram tambem arquivados.

A escola portuguesa é estudada desde o Seminario Patriarcal, figurando todos os nomes de violoncelistas profissionais e amadores.

Este trabalho interessa a todos que cultivam instrumentos de corda, pois a parte pedagogica e metodologica é comum a todos eles.

Sociedade de Musica de Camara

Depois dos exitos alcançados nos três primeiros concertos desta época realiza a Sociedade Nacional de Musica de Camara, ainda este mês, a 4.ª audição para os seus associados com um programa em que figura, entre outras obras do genero, o celebre ciclo de «leader», de G. Faure, «La Bonne Chanson», sobre poesias de Paul Verlaine. Esta série de 9 canções, quasi desconhecida do nosso publico, vai decerto constituir um grande sucesso, pois é considerada uma obra prima no genero de musica de camara e a sua audição constitui sempre um grande acontecimento artistico mesmo nos meios exigentes. São seus interpretes a cantora Armanda Correia e o pianista Croner de Vasconcelos. Completarão o programa os artistas Gilberta Gouveia, Regina Cascais e Fernando Costa, que se farão ouvir nas «Sonatas» de Paul Dukas e Fauré (1.ª audição).

Academia de Amadores de Musica

O concerto que se realiza na Academia de Amadores de Musica na noite da proxima segunda-feira deve constituir notavel acontecimento de arte, pela categoria dos concertistas e pelo programa que será executado. Tomam parte os ilustres artistas D. Mariana e Mateus Moacho Gomes da Silva, em trechos de piano e canto de autores romanticos e modernos entre os quais figuram alguns compositores portugueses contemporaneos; e D. Helena Coelho Correia, que interpretará varias obras importantes de literatura pianistica.

Os nomes dos concertistas garantem o exito deste interessante serão de arte, que vai reunir na Academia de Amadores de Musica as figuras mais representativas do nosso meio musical.

Orfeão de Coimbra

TOMAR, 7.—Hoje, ás 18 horas, chegou a esta cidade o Orfeão Academico de Coimbra, que era aguardado na avenida Condestavel Nun'Alvares Pereira, pela comissão de recepção, professores e alunos das Escola Industrial Jacome Ratton, Colegio Liceu Nun'Alvares, Bombeiros Municipais, Mocidade Portuguesa, Legião Portuguesa, Banda Nabantina, direcção da Tuna Comercial e Industrial, representantes do Orfeão Tomarense, Sporting Club de Tomar e União Football Club Comercio e Industria e muito povo. Organizou-se um grande cortejo em direcção á Camara Municipal, em cujo salão nobre foram dadas as boas vindas pelo presidente dr. Samuel de Oliveira, que se fez secretariar pelo presidente da Associação Comercial e pela madrinha do Orfeão, menina Maria Amaro Lopes, gentil filha do sr. dr. Antonio Lopes. Agradeceu o sr. dr. Raposo Marques, professor e regente do orfeão de Coimbra, sendo ambos muito aplaudidos. A' noite, voltaram os estudantes a ser aplaudidos no teatro e numa ceia que lhes foi oferecido.

PONTE DO SÔR, 7.—De passagem para Coimbra, estiveram nesta vila os componentes do Orfeão academico, que se faziam deslocar em quatro esplendidos auto-carros.

Almocaram em varias pensões, espalhando-se pela vila e confraternizando com a sua população. Foram chamados a varias casas particulares, onde beberam em alegre animação, propria da sua mocidade.

Enquanto aqui estiveram deram uma nota de alegria comunicativa. Pena foi que não tivessemos o prazer espiritual de os apreciarmos no nosso teatro.

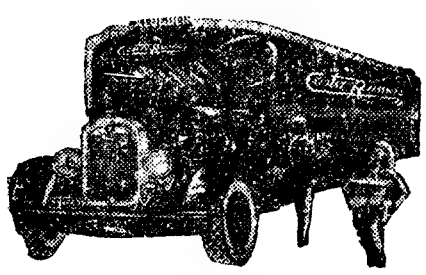
Invalidos do Comercio

A Comissão de Propaganda de Invalidos do Comercio, grupo de socios daquela instituição que tem orientado os trabalhos de sua iniciativa para a construção da nova sede, no Lumiar, vai expôr no proximo domingo, das 14 ás 17 horas, á classe comercial e a tôdas as pessoas que, embora estranhas ao comercio, se interessam pelos assuntos de assistencia e auxilio mutuo, o Pavilhão-Casa de Repouso, na Estrada do Desvio, 48.

Tem a mesma comissão como intuito o de patentear, muito especialmente aos profissionais do comercio que têm contribuido para esta obra, a fase de quasi conclusão em que ela se encontra e o aspecto geral a que vão obedecer as instalações da nova Casa de Repouso.

Peões! Nas ruas ou passeios, quando marchem em sentido contrário, dêem sempre a esquerda uns aos outros.
Aprendam a andar!

Os saltos e as solas "Enfim", nacionais, rivalisam com as melhores marcas estrangeiras e são mais baratos.
Aprendam a calçar!



TRANSPORTES COSTA RAMOS

Domicilio a Domicilio

Unico concessionario da carreira entre Lisboa e Porto. Transportes para todo o país. Carros especiais para mobilias.

Porto — R. Guerra Junqueiro, 7 — Telef. 1854

Lisboa — R. S. Julião, 34, 36 — Telef. 2 7200

POMADA INÒTYOL contra BORBULHAS ECZEMA QUEIMADURAS

Alivia, Sara e cicatriza após algumas aplicações

A' VENDA NAS FARMACIAS

Optimo emprego de capital

Vende-se **predio** de rendimento, de magnifica construção pombalina, no coração da cidade, rua dos Correeiros, n.os 180 a 192, torneiando para a rua de Santa Justa, n.os 47 a 53.

Tem lojas e cinco andares com dois lados, estando **vagos** neste momento três andares.

O seu valor na matriz é de 1.300 contos.

Recebem-se propostas para a sua compra, em carta fechada, que deverão ser endereçadas "Ao Ex.mo Senhor Dr. Juiz Sindico das Falencias" e trazer bem visivel no envelope a indicação "PROPOSTA SOBRE O PREDIO DA RUA DOS CORREEIROS".

Essas cartas serão entregues no Gabinete do mesmo M.mo Juiz, sito no Torreão Oriental da Praça do Comercio, antigo Tribunal de Comercio, todos os dias, das 11 ás 17 h.

A base da proposta é de 700 contos, sendo a sisa (antiga contribuição de registo) a cargo do comprador. Não ha despesas de praça entregando-se o predio livre de qualquer onus real.

As propostas deverão estar entregues até ás 13 horas (uma da tarde) do dia 19 de Fevereiro proximo, sendo abertas ás 15 horas (3 da tarde) no mesmo dia, no seu Gabinete, pelo M.mo Juiz Sindico das Falencias, e procedendo-se em seguida á licitação verbal, se outra formula não fôr resolvida pelo M.mo Juiz.

Dão-se todas as informações na Rua dos Fanqueiros, 277, 1.º — Telefone 2 2103. — Rossio, 79. — Telefone 2 1215; e Rua da Prata, 279, 2.º — Telefone 2 4164.

PRODUTOS DE BELEZA

YILDIZIENNE

Se V. Ex.ª tem um cabelo branco pode facilmente arrancá-lo, mas se tiver dezena.. já o não pode fazer.

Para o tratamento e transformação dos seus cabelos são excelentes pelas suas beneficas qualidades e eficiencia, os produtos abaixo mencionados:

TONICO YILDIZIENNE, para a vitalidade, desaparecimento de doenças do couro cabeludo e recoloração. TINTURA YILDIZIENNE, instantanea, de variadas cores e cuja duração é longa. REGENERADOR YILDIZIENNE, que tonifica e córa progressivamente os primeiros cabelos brancos. PETROLEO YILDIZIENNE, que conserva, fortifica e evita as gorduras que a BRILHANTINA YILDIZIENNE substitui com vantagem. LOÇÃO YILDIZIENNE N.º 1, que aloira qualquer côr de cabelo dando-lhe delicadas tonelidades e o SHAMPOO que torna sedosos os cabelos e depois do qual se deve usar o RODAL ONDULANTE que ondula e favorece outras ondulações.

Academia Scientifica de Beleza

Av. da Liberdade, 35 — Lisboa

Os nossos produtos encontram-se á venda nas boas casas ou enviam-se contra reembolso para as localidades que os não tenham.

A PINTURA ECONÓMICA

DULUX

Uma revolução na pintura!

DULUX, a pintura económica, é uma extraordinária descoberta dos químicos de du Pont e que veio estabelecer um novo processo de reduzir as despezas com a conservação.

DULUX seca ràpidamente, resiste à humidade, aos ácidos e gases corrosivos e oferece a maior resistência à acção do tempo.

DU PONT

BETHENCOURT BROS, LDA.
Rua Aurea, 132-138—LISBOA
SORIA, LTD
Rua Sá da Bandeira, 214-216—PORTO

HAVAS

Quer a sorte grande?
Habilite-se na tabacaria MADRID
Rua do Mundo, 115

HAVAS

Ford

VENCE

mais uma vez

De 27 carros Ford inscritos — 20 completaram o percurso. Ford venceu:

★ **1.º PRÉMIO**

(Coupe de L'International Sporting Club)

★ TAÇA DAS DAMAS

★ TAÇA DE EQUIPAS

★ 7 CARROS FORD NOS PRIMEIROS 15 CLASSIFICADOS.

O Rally de MONTE CARLO

ASFALTO

FLINTKOTE

Impermeabilização e isolamento de terraços e cimento armado. Revestimento e protecção de superficies e construções metálicas, canalizações, algerozes, etc. Impermeabilização de reprezos, canais, tanques, poços e paredes húmidas.

Distribuidores:
BETHENCOURT BROS, LTD.
Rua Aurea, 132-138—LISBOA

Agência no Norte:
SORIA, LTD
Rua Sá da Bandeira, 214-216—PÔRTO

HAVAS

Automobilistas — T. S. F.

Philco - Delco — Motorola — Philips

Os melhores auto-radios do mundo—Equipam de fabrica todos os automoveis americanos e europeus—Montagens como as de fabrica (sem supressoras)—Quadrantes e antenas para cada tipo de carro—Reparações ràpidas por pessoal especialisado - Distribuidor exclusivo:

Julio Coelho

Rua Rodrigo da Fonseca 81, D. (Ao Parque)
Telef. 4 2789

Flora de Carcavelos

Quinta dos Lombos
CARCAVELOS

Roseiras fruteiras arvoredos florestais, Plantas de sala, etc. Constroem-se e transformam-se jardins e Pomares.

Catalogo grátis

SEMPRE QUE tenha de fazer algum seguro contra fogo, quebra de vidros ou acidentes no trabalho, deve, no seu interesse, consultar a

Companhia de Seguros **«O TRABALHO»**

Segura bem porque está bem segura

Rua José Falcão, 211—PORTO
Delegação em Lisboa:
J. T. Pinto Vasconcellos, Ld.ª
Praça Duque da Terceira, 24

de 5$60

Muito bom café.
Saboroso e saudavel.
Tão bom, pelo menos, como aquele que qualquer outra casa vende a 7$60.
Quem o usa já o sabe.
Quem o não usa, uma prova o convencerá.

A Mariazinha

Rua Barros Queiroz, n.ºs 26 e 28
(á igreja de S. Domingos)

Diario de Lisbôa
Suplemento literario

DIRECTOR: JOAQUIM MANSO—PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICA
Redacção, Composição e Impressão: Rua Luz Soriano, 44, LISBOA — Telefone 2027

UM TEMPLO DE ARTE

A casa Soares dos Reis

por DIOGO DE MACEDO

Após a morte de Soares dos Reis, a sua oficina, na rua de Camões, em Gaia, quedou como uma reliquia, intacta, silenciosa e fechada, durante vinte e tantos anos. A viuva do desventurado Mestre, como uma monja retirada do Mundo, e para mais biltremente difamada por uma lenda que os inimigos do Artista, — aqueles que o levaram á funesta renuncia — nunca desfizeram e quem sabe se alimentaram, viveu ali, primeiro com seu Pai e depois com os seus Filhos, sem um quaixume, sem uma revolta e sem um desabafo. Ninguem a via e ninguem sabia da sua existencia, numa outra especie de renuncia, tão dolorosa e mais corajosa que a de marido. Como uma sombra branca, vivia de saudades a iluminar com a sua fragilidade fisica, aquelas paredes de amargas ou boas recordações. A familia acarinhava-a e a sua voz era um leve ciciar de quem vivia para a meditação. Um dia, os infortunios não deixando de a perseguir, viu-se forçado a vender em hasta publica a casa querida que o Mestre erguera. Um pobre cangalheiro fôra instalar-se naquele lugar sagrado. Ninguem soube impedir a profanação: — nem o Estado, nem a Camara Municipal, nem os admiradores do grande Estatuario. Dos amigos não falo, porque seriam pouquissimos. Nessa hora o alarme da venda foi dado nos jornais, pelos rapazes da Academia de Belas Artes, do Porto, mas a bolsa destes e a dos artistas, era magrissima. Ao cabo doutro quarteirão de anos, a almoeda voltou a anunciar o perigo daquela oficina ser derrubada ou mais conspurcada ainda. Os desleixos de então, fôram os mesmos de agora. Razões? Não ha nenhuma que absolva a estupidez de quem as procura. Mas o «Primeiro de Janeiro» soube do leilão e correu a salvar-nos a todos, os portugueses, daquela vergonha.

Bem haja! E nós agora que fazemos? Contentamo-nos em louvar aquele gesto com cartas e artigos laudatorios ao jornal do Porto? E' pouquissimo, embora seja comodo. Não foi para isso que o jornal comprou aquela oficina e aqueles pequenos aposentos laterais. Foi certamente para que o Estado, o Municipio de Gaia, os artistas, os portugueses todos, enfim, reconstituam o edificio, o valorizem com lógica e lhe dêem o destino honroso que a memoria de Soares dos Reis merece. Reintegrá-lo no seu arranjo primitivo, com os mesmos moveis, os mesmos cavaletes, os mesmos quadros e as mesmas obras, será impossivel, porque o tempo não parou nos seus vendavais, durante estes anos todos de descuidos e comodismos. A saudade não deve ser um regresso triste; a sentimentalidade não deve consentir reconstituições falsas, e ,Soares dos Reis detestava a mentira. Além disso, ainda que fôsse possivel repôr-se aquele altar tal e qual, faltava-lhe o melhor: — era a vida, o génio, o tormento e as paixões de quem o construiu, habitou e amou. Uma casa como aquela, deshabitada, é lugubre e não evoca memorias senão de tragedia; a oficina parada, ainda que com guardas á vista e mirones a analisarem as obras expostas, seria pior ainda, seria inutil e seria arrepiativa para a sensibilidade de quem ali procurasse estimulos, lições ou simples evocações de poesia.

Convem, portanto, restaurar a casa, rehabilitá-la, vivificá-la; mas dêsse-lhe um destino de beleza e de agitação. Está bem que a saudade por lá se recolha na sombra, com as recordações intimas do Mestre; mas que seja habitada por um clarão de gloria, o mais dinamico quanto possivel numa Casa Museu. Arquivem-se ali as inumeras «maquettes» que andam dispersas — e até algumas reproduzidas — pelas mãos dos particulares; encham-se aquelas paredes com os seus desenhos, convenientemente valorizados na exposição, com os croquis de viagem, com os arqueologicos e com os de arquitectura, que tanto o Artista cultivou; exponham-se lá as suas pinturas a oleo, romanticas, e as fotografias das obras que não possam ir para os museus, como sejam os estuques de tectos, que modelou para casas amigas, imagens que pertencem a igrejas e até as bugigangas decorativas, como certa carranca duma fonte publica, na rua General Torres, de Gaia; documente-se a parte iconografica da existencia do Artista, com os seus retratos e os daqueles que o acarinharam em vida, com ele colaboraram e — porque não? — os dos seus discipulos maiores, que poucos são e alguns andam esquecidos; organize-se a biblioteca bibliografica que lhe diga respeito e não se esqueçam as lembranças dos seus filhos, nascidos naquela casa, um dos quais foi artista e que por respeito pelo Pai, renunciou a sonhos e preferiu o anonimato duma vida que pouco durou. Que aquele jardinsito da casa, sirva para as flores que o Mestre adorava, mas tambem para qualquer monumento singelo — um banco ou uma fonte —, em que colaborem os artistas de Gaia, animando-o.

Depois disto, sirva aquela oficina para lições de arte, como o Mestre as iniciou em vida, com as palestras entre os amigos da sua roda. Funda-se um grupo dos «Amigos de Soares dos Reis», para apagar de vez a manha passiva dos seus inimigos póstumos.

Ora para a realização disto tudo — que pouco dispendio dará e só requere amor na acção —, precisa-se dum organizador inteligente e de bom gosto, não só para distribuir o museu, como para estudar qualquer acrescento ou modificação que o museu reclame. Alguns admiradores de Soares dos Reis, na pressa com que têm acorrido com as suas flores á iniciativa do «Janeiro», têm incorrido no êrro de dizerem ali realizadas certas obras que já existiam antes da casa existir. Cuidado, portanto, com as pressas!... Cito este exemplo, porque não quero citar outros...

Resta, pois, que o Estado faça o restante. Dentro de um ano a obra de Soares dos Reis vai pertencer ao dominio publico», isto é, vai deixar a sua familia de ter direitos artisticos que a defendam de maior expansão. Que ela possa ir então além fronteiras, mas sem explorações, e que cá dentro se procure torná-la conhecida e amada dos portugueses, sem desair de bazar. Que se façam os estudos definitivos sôbre essa obra excepcional de linhas e direcções definidas, que mais do que cada escultura em si demonstra o genio de quem, em tão curtos anos, atingiu a altura dos seus maiores contemporaneos. Esta obra é uma lição de progresso e de probidade estetica.

A Academia Nacional de Belas Artes, por iniciativa do seu presidente, acaba de propôr a organização duma exposição de toda a obra de Soares dos Reis, em Lisboa. De alto alcance cultural e para bem do nome do malogrado Artista, será esta exposição. São de prever, no entanto, as enormissimas dificuldades que tal gesto vai despertar.

A empresa é arriscada, mas todos os impossiveis se desfazem, quando quem quere, quere! Que não seja só pela exposição do marmore do *Desterrado* ao pé do seu modelo em gesso, trazido de Roma, existente este em Lisboa e aquele no Porto, merece o nosso aplauso tão bela lembrança! E que bela lição para os artistas que saibam recebê-la, assim como para os criticos que têm perdido o seu latim com insinuações referentes a essa estatua! A proposito, de grande utilidade seria tambem trazerem-se do Porto os dois fragmentos de moldes do natural, guardados na Escola de Belas Artes, para pela comparação se quebrarem os dentes de certos zoilos pretenciosos, explicando-lhes qualquer tecnico a sua razão...

Só é de temer que depois de tantos entusiasmos na Imprensa, de tão patriotico gesto do «Janeiro», de tanta dedicação de meia duzia de poetas em volta destas possibilissimas consagrações, um vento mau queime tudo, esfriem as energias e as devoções, e a renuncia—aquela maligna *renuncia* que perseguiu o Artista e os seus mais proximos—faça cair o bel sonho no vil esquecimento em que todos andamos fingindo não acreditar, por esquecimento do nosso orgulho humano.

DIOGO DE MACEDO

Stefan Zweig em Portugal, *fotografia de Horacio Novais*

ESTE SUPLEMENTO NAO PODE SER VENDIDO EM SEPARADO

Poesia moderna

Lisboa

Oh! Lisboa, minha amada
Luz de sonho, luz doirada
— Promessa eterna de amor! —
A cidade á beira-mar
A cidade do luar
Onde o sol tem mais calor!

De colinas recortadas
Por Jesus abençoadas
O seu encanto é profundo...
Cantada por trovadores
Cheia de graça e de flores
Desde o começo do mundo!

Lisboa!
De estrelas é o teu manto!
Lisboa!
O sol te esconde o seu pranto!
Lisboa!
Terra de sonhos, quimeras!
Lisboa!
Já cantada ha longas eras!

Seus pregões, suas varinas
Que nos surgem p'las esquinas
Dão-lhe graça, dão-lhe côr.
Lisboa, rincão sonhado
Da nobre Alfama e do fado
Onde ha trapeiras em flor!

Terra de luz e de encantos
De poetas e de santos
Onde tudo é ideal.
Berço de herois, navegantes
Rompendo o mar como de antes
Para elevar Portugal!

Lisboa!
De estrelas é o teu manto!
Lisboa!
O sol te esconde o seu pranto!
Lisboa!
Terra de sonhos, quimeras!
Lisboa!
Já cantada ha longas eras!

Morangos de Sintra

Que lindos ficam
Junto da terra
Côtas de sangue
Sangue da serra!

E... no cestinho
Amontoados...
Até faz pena
Quasi esmagados!

Morangos frescos
Cheios de côr!
Que nos perfumam
Como uma flor!

No nosso prato
Seu sangue corre
Sua frescura
Some-se e morre!

Com o seu sumo
Vão perfumar
A nossa bôca
O nosso lar!

Morangos frescos
Cheios de côr!
Que nos perfumam
Como uma flor!

MARIA ADELAIDE

NATAL LUSIADA

O Presépio nas Casas de Portugal

por Ricardo Severo

A natividade do Menino-Deus! Festa primaria do mundo cristão; universal na lenda amorosa de todos os natais; regional nas formas culturais de todas as tradições.

Lenda ou verdade, tem a sua origem na Biblia, que é síntese da tradição e da fé popular; e lá se diz da profetizada nascença do Redentor, filho dum humilimo casal, na cripta de Belem da Judéa, enquanto no ceu se acende um estrelo rutilante, luzeiro de etérea chama que acordou e guiou para a adoração os pastores das vizinhanças, todos os povos mais de longe, por montes, vales e desertos, desde os impérios do levante, donde abalaram os reis magos das três raças a prostrar-se diante do recem-nascido Maior-Rei dos homens.

Na tradição ficou este sacro natal de inspiração divina, sucedido em lugar ermo, arredado de todas as vistas; figurado em adoravel alegoria, ora sob as lapas duma gruta, abrigo de pastores, ora no meio das ruinas esquecidas dum velho templo, num Presepe mal coberto pelo tecto desmantelado entre o palhiço em que se aninham de bondosa companhia, os fieis e mudos animais domesticos.

E houve que ser em lugar alto, trás-os-montes, pois que altos são todos os altares e a subir os calvarios da redenção, assim tambem sempre ao-decima as beatas romarias da fé com os votos e rezas da humanidade.

Neste quadro magnifico se fixou a tradição; tanta singeleza e humildade, que de igual para igual se infiltrou pelos olhares e corações do misero povo; de todas as mãis nasce um menino bendito; a natureza eterniza na alma popular esta santidade natal que é divina fonte da vida.

Por todos os povos mediterranenses mais proximos da semitica Palestina, e em cujo sangue perduram nativas celulas desse mundo afro-asiatico, a tradição conserva o primitivo presépio como o simbolo cristão da natividade, coroado de imaculavel auréola.

*

Eramos crianças, e apenas se ouvia falar em que por casas estrangeiras surgia nessa fria madrugada de dezembro, descendo pelas chaminés com alforges brancos de neve cheios de brinquedos, um tal San Nicolau ou Pai Noél; e os pendurava num ramo de pinheiro, enfeitado de espelhentos pingentes e luminarias, ou os colocava nos sapatinhos vazios dos meninos adormecidos, postos na soleira dos lares.

Ignorávamos aqueles entes fabulosos talvez da raça dos duendes ou gnomos que infestavam as florestas doutras terras hiperbóreas, cobertas de neve no seu longo inverno sem sol. Era para nós um esquipático caso de mera importação.

O nosso Natal, aprendido nos antepassados, concretizava-se no autentico presépio dos evangelhos.

Antes da data, corria entre a familia e os amigos da casa o peditorio para o preparo da momentosa celebração. E desde logo punhamos mãos á obra vencendo as mais penosas canseiras até levantar peça a peça a complexa fabrica do nosso Presépio.

Amontoavam-se contra o muro, num recanto do quintal, a terra e os calhaus que formavam uma miniatura de montanha, com escarpas, planaltos, ravinas e verdes lameiros no sopé, entrecortados de lagôas e águas-correntes. A nossa imaginação reconstituia o pitoresco assombroso das serranias distantes.

No alto, entre penedos em gruta a sacra representação do presépio com ternas figuras de barro, encarnadas ao natural, encimado pelo estrelo celeste resplandescente de carripadas; serpenteando pela encosta arriba, o caminho calçado a saibro branco, por onde segue em fila a variada peregrinação dos que vão adorar e ofertar primicias ao Menino Jesus. As encostas são verdes, de leivas gramadas ou musgos sarapintados por rebanhos de brancas ovelhas, que guardam pastores em atitudes éclogas ou entoando bucolicas lôas ao som das frautas. Circundam os patamares, as cristas, as surripas e formam pitorescos recantos, as combinações de variegados rigões escolhidos entre as escumalhas das forjas.

E segue a romaria desde baixo, figurada em personagens de terra-cota, com paragens nos plainos, onde bancam pantagruelicas merendas, armam-se coretos de charangas e dansas-de-roda, com as pipas do vinho sôbre carros de bois, as vendeiras de pães e frutos; formam a bicha andante figurinhas de barro dos tipos tradicionais: o classico cego da sanfona com o menino guiador, a tripla familia carregada de oferendas, o grupo triunfante do zé-pereira, o bufarineiro, o da gaita-de-foles e do clarinete, o homem do realejo e do macaco, os caceteiros bringuentos, o fadista da guitarra, o gaspar-da-viola, os tamborileiros, o corcunda com réstias de cebolas, o moleiro com o jumento carregado de taleigas, e pelos cantos os mendigos, e os aleijados, andrajosos e chaguentos. No cume, rodeando a cripta do sacro presepio, a côrte dos reis magos esvasiando aos pés de Jesus as arcas dos preciosos tesouros, e a multidão ajoelhada dos peregrinos de longes terras, as beatas de capuz e das gárrulas noivas de branco lenço de renda.

Ainda havia para adornar a bôca-de-cena dêste teatral espectaculo, mastros enfeitados de papel ripado, grinaldas de bandeirolas, festões de verdura, pintalgadas luminárias de tijelinhas, e balões venezianos.

Nos presepios mais ricos havia instalações de grupos em movimento, de habil mecanica hidraulica com a azenha, o moinho-de-vento, os serradores abrindo uma tora, o sapateiro batendo sola, e até para cumulo de modernismo e riqueza um comboio com fumo e apito, entrando e saindo do tunel. Isto, então, era verdadeiro assombro para a nossa concepção de infantis arquitectos de presepio!

* * *

Entretanto, esta obra de impressionante naturalidade, de costumeira e antiga consagração, representa uma tradição domestica de culto e de arte. Todas estas figuras de grosseiro barro pintado, provêm duma arte popular e caseira, modeladas por mulheres e crianças, cozidas no proprio forno do pão; arte primitiva que data de periodos muito anteriores á idade-media, tendo renascido pelo meado do seculo XVIII com os insignes baristas da escola de Mafra, como Machado de Castro e Antonio Ferreira, com centros produtores em Alcobaça, Aveiro, Caldas da Rainha, Estremoz, Leiria, Lisboa, Porto, etc., de que resultaram os celebres presepios da Basilica da Estrela, da Madre-de-Deus da Patriarcal, de Campolide, dos Capuchos e dos solares do Marquês de Borba e Conde de Porto Calvo. Verdadeiras composições de bela-arte, na escultura e na pintura. Barrocas consoante a maneira da epoca, mas lembrando pela viveza e pitoresco dos grupos e quadros as quermesses flamengas do tempo de David Iéniers. Tão apreciadas essas imagens de terra-cota, que se espalharam por todas as casas, guardadas em maquinetas e em pequenos oratorios sobre comodas bombeadas e lavradas de pau-santo, ou anichadas no exterior com religiosas invocações propiciatorias.

RICARDO SEVERO

(Do «Boletim da Casa de Portugal» de São Paulo).

"Portugal-Inglaterra,,

de Augusto da Costa

E' do distinto publicista Augusto da Costa, e foi editado pela Editorial Imperio, um erudito estudo acêrca da historia da aliança inglesa «Portugal-Inglaterra», evocando o «Ultimatum», e as incidencias da nossa intervenção na Grande Guerra, baseada nas memorias de João Chagas, continuando através do «post-guerra» e chegando até aos nossos dias e á posição definida dos discursos e notas do dr. Salazar.

Um homem publico quando reconhece ter errado, nem sempre rectifica os seus erros. Não é o caso de Lloyd George. Durante a Guerra Loyd George convenceu-se de que a rotura da frente britanica, em 22 de março de 1918, fôra devida á má direcção do general Gough. Não teve qualquer hesitação: destituiu-o pura e simplesmente do comando.

Mas os anos passaram e o primeiro ministro inglês, consultando inumeros documentos militares e diplomaticos para a elaboração das suas memorias, reconheceu que o general Gough, não tivera a minima responsabilidade naquele revéz. Então escreveu-lhe a seguinte carta:

«Os factos que chegaram ao meu conhecimento depois da Guerra, modificaram a minha opinião acêrca das responsabilidades na derrota de março de 1918. A vossa não está de modo algum comprometida nesse acontecimento, porque nenhum general poderia ter ganho a batalha nas condições em que o general se encontrava. Vosso, muito sinceramente: David Lloyd George». Tardia rehabilitação!

■

Fez no dia 22 de janeiro, cento e cinquenta anos, que nasceu em Londres, em Halles Street, o poeta do «Childe Harold». Este aniversario passou completamente despercebido, ao contrario do que sucedeu em França, quando ali foi comemorado o centenario da morte de Byron.

O «Sunday Times», num breve artigo, explica as causas do silencio dizendo:

«Vê-se neste 150.º aniversario do nascimento de Byron, que a sua reputação é maior que a sua voga. A maior parte do publico sabe o seu nome, ouviu falar nele, mas nunca o leu».

O mesmo sucede em França, muito embora Byron, há um seculo tivesse exercido uma real influencia na literatura.

■

O distinto escritor Amaral Junior publicou agora um romance, que vem comprovar os seus dotes literarios. Intitula-se: «A porta proibida». E' uma historia possivel, se não real, que interessa profundamente o leitor. Três rapazes da provincia, chegam um dia a Lisboa, dispostos a conquistar o duro pão da existencia. Um deles enceta a carreira literaria, pretexto que serve a Amaral Junior para descrever, com flagrancia, certos meios editoriais, e a psicologia do escritor. A sua luta para vencer, e depois os seus triunfos, bem como diversas cenas de amor, dão «A porta proibida» um singular relevo de verdade e de sinceridade.

■

A. de Magalhães Basto reuniu num volume com o titulo «Homens e Casos duma geração notavel» as interessantes cronicas que publicou em «O Primeiro de Janeiro» recordando, com a revelação de episodios inéditos, figuras tão ilustres como D. Antonio Alves Martins, Augusto Soromenho, Antero do Quental, Ramalho Ortigão, Eça de Queiroz, Vieira de Castro, Alexandre da Conceição, Julio Diniz, Teofilo Braga, Germano Vieira de Meireles, Jaime Batalha Reis, Oliveira Martins, Guerra Junqueiro, Alexandre Herculano, Camilo Castelo Branco e D. Pedro V.

Quando da comemoração do centenario de Gil Vicente, realizaram-se, na Faculdade de Letras varias conferencias sobre a obra do fundador do teatro português que, sem exagero, se podem classificar de notaveis. Estudou-se, criteriosamente, o genio vicentino nas suas modalidades, por vezes, com informações, se não inéditas, pouco usuais nos dominios da critica. O professor dr. Hernani Cidade abriu o ciclo das conferencias com um trabalho de profunda cultura, acompanhando par e passo, na sua sucessão cronologica, os autos de Gil Vicente. Examinou a grande figura á luz da critica moderna de maneira tão substancial e erudita, que dir-se-ia te-la ressuscitado na sombra dos seculos. Outros professores e alunos fizeram as suas lições. Em separata da Revista da Faculdade de Letras foram agora impressos esses trabalhos sob o titulo: Comemoração Vicentina, conferencias *realizadas na Faculdade de Letras.*

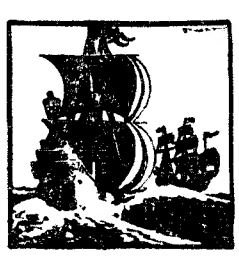
■

Um correspondente do «Daily Telegraph», em Calcutá, escreve que o «pandit» Malaviya, que presidiu em 1909 ao congresso nacional hindu, decidiu submeter-se a uma cura de rejuvenescimento. Malaviya, que conta 77 anos, entrou agora numa especie de clinica que existe nas margens do Ganges dirigida por Sannyasi, que conta 172 primaveras. O quarto reservado a Malaviya não recebe luz nem ar directamente. Tomará apenas leite e um remedio misterioso, que é, precisamente, o segredo de Sannyasi. Este pretende que depois duma rapida cura, aquele homem de estado, rejuvenescerá pelo menos, vinte anos.

■

A colecção de classicos Sá da Costa, dirigida com tão notavel equilibrio cultural por Rodrigues Lapa, foi agora enriquecida com um precioso volume, Trata-se da «Marilia de Dirceu», de Tomás Antonio Gonzaga. E' um dos livros mais belos da poesia portuguesa, cuja frescura de emoção e a perfeição da forma e conservam intactos, apesar dos seculos que passaram sobre o seu aparecimento. Rodrigues Lapa completou a obra juntando-lhe mais poesias de Gonzaga, e escrevendo um brilhante prefacio, bem como numerosas notas, para identificação do autor e justificação dos seus variados temas.

■



Augusta F. Gersão Ventura, publicou na «Gazeta de Coimbra», de 8 do corrente, um interessante artigo sôbre a data do nascimento de Camões, sugerido pelo recente estudo de Maria Saa, que veio a lume neste «Suplemento». Chamando a atenção dos camoneamistas para esse trabalho prestamos justiça á sua autora, tanto mais que sustenta, brilhantemente, uma opinião contraria á de Mario Saa.

■

Foi posto á venda o fasciculo XXXIV da «Grande Enciclopedia Portuguesa e Brasileira, da Empresa Nacional de Publicidade. Este fasciculo contém numerosos termos das letras «a-v», devendo destacar-se o estudo sobre as palavras «ave» e «aviação». Numerosas gravuras e «hors-textes».

UMA NOVELA

Constantina

por EUGENIO VIEIRA

Na Praia dos Barcos alavam. Duas grandes filas de homens da maritima os cintos tensos sôbre os rins, a borla de cortiça enrolando a delgada corda nos grossos cabos, fincavam os pés côr de barro na areia humida, as calças arregaçadas até quasi ás virilhas e puxavam a grande rêde de arrastar, que vinha já perto.

Via-se, na transparencia das aguas, a grande sombra do saco deslisar lentamente, e, como o mar estava calmo, dum como azul de espelho, a sardinha, saltando dentro, foscava a superficie numa especie de fervura de prata liquefeita, que a intervalos, brilhava ao sol como brunida.

—*Ala! ála! ála!*—gritava a gente da companha, enquanto os cabos apertavam em menor distancia as aguas.

Multidão de curiosos adianta-se para a beira das ondas a medida que a rêde chegava. Homens, mulheres e crianças, uns como ociosos, outros como interessados; uns de mãos vasias, outros com seus cestos ou alcôfas, tinham postos os olhos ávidos na rêde inchada como um grande ventre do mar prestes a trasbordar num parto de fartura.

Quando a rêde chegou a terra, o saco se viu aberto, e tanto peixe saltando, primeiro no anseio de liberdade e enfim no escabujamento da asfixia por vêr-se fora do seu elemento, toda a gente cercou a grande prisão mortal, e principiou a faina do despejar.

Por entre as pernas dos marrachos, os pequenos ladrões ocasionais mas sempre certos, furtavam dois ou três peixes, com tacito e condescendente consentimento dos da companha, que uma ou outra vez se zangavam ou fingiam zangar-se.

O mar é generoso: dá ao homem tudo o que tem no seu seio e no seu ventre e sobra-lhe sempre que dar. Ali, no Algarve, aquilo chegava para todos. Era como o figo nos grandes figueirais.

Tinham-se calado as vozes de alar. Tudo o que ora se ouvia eram fragmentos de conversa, comentarios sobre a farta sacada, brados de comando, sempre os mesmos de ocasião, e, num susurro dôce, o segredo das ondas.

Entre os que ladriscavam andava uma môça alta, de opulentos seios e roliças ancas, saia de estamenha de orlas comidas, pelo meio da perna, sua alcofinha de empreita, num ar sorrateiro e sorridente, furtando o seu pescado.

—Damas! dá-me aquele charrôco p'ra uma caldeirada,—disse ela no tom imperativo de quem está habituada a ser obedecida.

—E se o mestre vê?—preguntou um moço alto, de grenha fulva, cujo rosto mais parecia um acérvo pintalgante de sinais de sarda.

—Se ele vê, eu lhe taparei os olhos com uma carcachada...

O môço sardento encolheu os ombros, dirigindo-se á rêde, e, baixando-se, tirou dela um grande charrôco que atirou ao alto, por sobre as cabeças dos assistentes.

O feio peixe foi cair aos pés da moça.

—O' tu, vê lá o que atiras e a quem dás!—invectivou tio João Rufino, em ar de zanga um tanto forçado. Olha que a companha não sustenta gulosas!—Disse, e fitou a moça, de alto a baixo, dum modo particular.

No ambiente soou uma forte, argentina risada.

Era a carcachada prometida de Constantina. Era esta uma ladina rapariga muito conhecida na praia. Tinha apenas vinte anos, um ar desprendido de quem sempre viveu á vontade, e o corpo como a alma crescidos livremente. Formosa quanto o pode ser uma figura tostada, de ar livre, da beira-mar, uns grandes olhos limpidos, marcados de extensões de saudade, fartos cabelos negros, o busto alto, os ombros largos e os contornos coleantes casando-se harmonicamente em a boca rubra de beiços carnudos e sensuais.

Um rapaz esbelto, o peito farto de adolescente, de cutis fina de moreno sobresaindo no peito aberto da camisa de riscado desbotada, depois de ter tirado da rêde dois grandes ruivos, veio, em quatro saltos, atirá-los para dentro da alcôfa de Constantina, e quedou por momentos encarando-a, como suspenso dos seus grandes olhos.

Ela fitava-o sorridente e teve uma frase:

—Deus te pague, Leonel. E até lóguinho, sim? No Penéco.

João Rufino olhou os dois de soslaio, teve a impeto de atirar qualquer frase, mas a garganta tumefês-se, e uma onda de ar recuando no peito, deu-lhe o aspecto de homem empanturrado.

II

Na *Bataria*, naquela rua estreita em subida, ficava a pequena casa de João Rufino, o pescador. Era uma casa estreita e dum só pavimento, á direita, para além da moradia grande, com seu tanto de nobre, se a compararmos ao casinhoto do marítimo, do senhor de Vilalôbos.

Na cozinha, de chão de lages e paredes de piçarra, gotejantes de humidade, caía do alto um jorro de luz por uma claraboia, mas aquele clarear não era, a bem dizer, mais que um esforço luzente, tão curta e estreita era a vitrea lucarna.

A meio da casa, sentado na lage, pernas encorcadas, rodeado de rôlos de rêde de pescar, que do chão lhe trepavam em aberto para o colo, João Rufino, manejando a agulha de pau, consertava o seu tresmalho.

Enquanto ia passando a agulha pelas malhas, reduzindo os rasgões, Rufino tinha um ar preocupado, denunciado num refranzimento de testa. Mas, de repente, como se algum pensamento no seu intimo espargisse satisfação, o jogo fisionomico modificou-se, invadindo-lhe as faces um rictus quasi alegre e a fronte um alizamento de serenidade. Despegaram-se os labios do pescador, até ali como premidos, e a sua voz um tanto ágra, saudavelmente trémula, cantou:

«*Os mês euzois* são de prata;
s'a Africa eu lhe passar,
pesco lá uma mulata
e *hé* de com ela casaro.

Suspendeu uns momentos a agulha, aplicou o ouvido, como quem espia algum ruido, teve um aceno de cabeça como quem ameaça, e, num sorriso a que a fraca luz dava indecisão, continuou a tarefa.

Uma risada forte e clara soou á porta da rua, uns passos leves e como incertos soaram nos ladrilhos, e um vulto de mulher, em fato de chita garrida, que transpusera o limiar, encaminhou-se para a cozinha barrando-lhe com o corpo a entrada.

—Ah! és tu, Constantina? Inda bem que apareces!.. Estava mesmo a pensar em ti...

—E tu que não pensasses!...—disse ela casquinando uma ameaça. Bem te ralas a pensar... mas de que te serve? ..

—Serve, p'lo menos p'ra meu ralar...

—E já não é nada mau!... Vamos a saber: —mudou ela de tom. Tenho ou não tenho hoje uma caldeirada?

—Conforme..., disse Rufino piscando um dos olhos.

—Com fome ou com fartura? Olha que a de ontem era bem minguada. O Damas dá-mas mais fartas.

—Diabo! tambem eu t'as dava... mas... conforme...

—Lá estás tu com o conforme! Conforme o quê?...

—Conforme tu te portares...

—Eu não me porto mal... como vês, não estou mais magra.

—A-pesar das minhas caldeiradas serem minguadas... Será o Damas que te engorda?... Olha não te engorde demais, que podes ficar feia...

—Nan te dê cuidado essa!.. Olha lá! Como vai o teu rapaz?—disse ela numa voz quasi cantada.

—Porque me preguntas por ele? Interessa-te?...

—Não era maravilha...

—Mas... se já me disseste que gostavas de mim... A-final, de quem gostas?... De mm, não, por certo...

—E se eu gostasse dos dois? Ou se mesmo gostasse de três?—preguntou, num riso cinico, a moça.

Rufino pôs-se em pé, de repente, crescendo para a rapariga, e pegando-lhe fortemente no braço:

—Dizia que eras doida de todo... que merecias ser sacudida por mim como se sacode uma rêde suja quando se lava.

E completou com forte gesto a frase, sacudindo-a e estorcegando-a.

—Ai! olha que me magôas!... Velho atum!...

—Se não gostavas de mim... p'ra que me prometeste?...

—Cala-te!—comandou ela. Olha se ele chega!...

—Que mêdo tu tens dele!... Pareces sua mulher!... Como é que explicas isso?...

—Sei lá!... Tanto como sei por que gosto dos dois... Come-se carne de atum. Tem bom gosto... Mas o atuarro é mais tenro e... gosta-se tambem.

—Cabra!... Queres então dizer?...

—Que sim... é isso que pensas... E então?—rematou ela em desafio, pondo as mãos nos quadris.

Rufino dispunha-se a agarra-la de novo. Ela furtou-lhe o corpo, fugiu para a casa de fora e quedou entre portas.

Na soleira da porta desenhou-se de repente uma sombra projectada em obliquo pelo sol, e logo após apareceu um vulto de rapaz. Era forte e esbelto. Teria, quando muito, dezanove anos, mas aparentando mais pelo seu todo.

Ao dar de rosto com Constantina, teve um largo soriso e disse:

—Deus te salve, ó moça! E assentou-lhe a grosa manapula penugenta no ombro roliço, mirando-a ternamente.

Ela, agitando a mão, apontava com o index o interior da casa.

—Está cá?—preguntou ele baixinho.

Constantina acenou, que sim, e saiu.

O rapaz, que trazia na mão esquerda uma grande enfiada de peixes, penetrou no interior fazendo ouvir uma frase:

—Sua benção, pai!

—*Dés* t'abençôe, malvado!

O moço encolheu os ombros, olhou o pai, que estava de fronte baixa, um tanto de soslaio, e foi estender nas lages a enfiada, perto da lareira. Depois, dirigiu-se para a casa de fora e postou-se entre portas, arrumado á ombreira.

Esteve ali por instantes, fitando as pedras da calçada como no vago, como se cismasse. De subito, olhou para traz, como quem perscrutasse o interior e esguerrou-se.

—Leonel!—chamou o pai.

Leonel voltou dois passos atraz, quedou, numa hesitação, e esperou uns momentos.

Não ouvindo soar de novo a voz do pai, desceu o pedaço de rua, e, tornejando á direita, desapareceu.

No *Penéco* estava um mar lindo. O oceano, que, ao longe se azulava, como colossal safira nuançada, era, ao perto, um dôce espelho onde as grandes rochas se reflectiam como sobre azul chinês umas linhas quebradas e emaranhadas de nanquim aguado.

A agua, á superficie, era duma como fosforencia azulina mantendo o equilibrio duma serena e fresca transparencia. Caía o sol, quasi a prumo, por aquela uma hora da tarde primaveril, dardejando numa multiplicidade de chagas luzentes, que feriam o grande dôrso do mar.

Na planura deserta das aguas nadavam as *marrécas*, no seu todo atarracado, em movimentos precipitados, e os negros *corvos marinhos* cambalhoteavam mergulhando, depois de estendidos e arqueados os compridos, negros e luzidios pescoços, na superficie espelhenta.

Nada do maravilhoso quadro via Leonel, cujo olhar, desde o alto da *Varandinha*, se via preso á raiz do Penéco, a cuja sombra, deitado de banda, e fitando as aguas, repousava um vulto de mulher.

Uma vez descidas as escaleiras, a passos lentos, Leonel foi-se aproximando. Ia surpreendê-la de costas, e, a poucos passos, gritou:

—Eh! Constantina!

Ela soergueu-se no braço, aprumado o cotovêlo, e, voltando o rosto por sôbre o ombro, mostrou a bela fila de dentes brancos num agradavel sorriso.

—Não faltaste, Leonel? E's de palavra!

E soerguendo-se mais, sentou-se, voltando as costas ao rochedo.

Ele deitou-se ao comprido em sua frente, e, posto o queixo sobre a palma da mão, de cotovêlo fincado na areia, contemplava-a, sorridente, como se os seus olhos se refrigerassem fitando os dela, na sombra longa dos grandes cilios e das fartas sobrancelhas.

De repente, a môça soltou um suspiro.

—Onde chegou o teu ai, Constantina?

—Não passou talvez daqui... D'aí, não sei... talvez que chegasse mais longe...

—P'la tera ou p'lo mar?

—Não sei...

E a moça ficou meditativa, olhos fitos nas aguas .

—Em que cismas?—preguntou ele cravando a fundo o seu olhar castanho nos olhos profundamente negros dela.

—Pensava, agora, como seria bom ser uma dessas marrecas do mar...

—E eu um corvo marinho...

—Brincaria toda a minha vida por cima das aguas, e, quando o mar se tornase bravo, voaria por eses ceus, pousaria nas mais altas rochas... que bom!

—Não dizes mal, Constantina. E iriamos os dois brincando nas ondas, sem cuidarmos das noites nem dos dias...

Um forte assobio quadrado soou do alto da «Varandinha». Era o sinal de João Rufino chamando o filho.

—Teu pai! Lá está no alto. Como vem esbaforido!

—E vem mesmo!—disse o rapaz. E repetiu: Que esbaforido!...

(Vêr continuação na pagina seguinte)

OS LIVROS DA SEMANA

NOME DE GUERRA

romance por

JOSE' DE ALMADA NEGREIROS

Dentro do campo da arte ha, sem duvida, especializações. Ha quem seja dotado para se exprimir segundo uma maneira e não segundo outra. Assim temos grandes pintores que nunca se souberam exprimir pela escrita e grandes escritores que nunca se souberam exprimir pela pintura. Grandes artistas houve, porém, que se não limitaram a exprimir-se através de uma só forma de arte. Certos chegaram a exprimir-se superiormente em varias artes. Leonardo de Vinci é o exemplo classico do artista universal nas suas aptidões expressivas. Mas se Leonardo conseguiu ser grande pintando, escrevendo ou investigando, a verdade é que o Leonardo que se nos impõe é o plastico. Quere dizer: mesmo nos artistas dotados de talentos de expressão multiplos ha sempre um que tende a predominar.

Porquê? Naturalmente porque em todo o homem se encontra sempre uma tendencia dominante. Ai daquele que não chegue a descobrir em si proprio essa tendencia dominante! De facto, poucos serão os artistas que não tenham caído num virtuosismo estéril quando não encontram a sua tal «tendencia dominante». Mas repare-se: o artista que se exprime igualmente bem como pintor, musico, escritor ou escultor, raramente é um artista profundo. Em geral é mais inteligente que artista. Isto quere dizer: nele a expressão é menos uma imposição do temperamento que uma rebusca da vontade. Melhor: nele a expressão é mais habilidade que *génio*.

Na verdade *habilidade* e *génio* são coisas muito diversas. Na habilidade ha um elemento de ordem exterior aos ditames obscuros da personalidade. Habilidade pressupõe adaptação. O homem hábil adapta-se a si mesmo, ou adapta aquilo a que é preciso adaptar, a circunstancias estranhas á sua propria alma. E' graças á habilidade que o cinzel do artifice lavra a pedra consoante o modêlo a que quere cingir a obra. Em todo o trabalho de copia e adaptação é a habilidade que está em jogo. Sempre que se procure fixar uma imagem ou uma emoção claramente vista nos seus contôrnos opéra a habilidade. Eis aqui por que se repelem muitas vezes inteligencia e intuição criadora. O trabalho no artista em que a inteligencia das coisas de arte supera a intuição é, por assim dizer, confiado, depois da concepção clara, áquela faculdade de realização a que nós chamamos habilidade. Tal artista não age como «ás cegas» (da obscuridade para a luz), como age o génio, mas «ás claras». Dir-se-á que a criação do artista hábil é como uma luz acêsa em pleno dia: uma iluminação do iluminado.

Quere isto, pois, dizer que uma certa especialização em vez de ser uma limitação do artista é um aprofundamento. Isto é, a especialização em arte além de ser, denuncia de uma mais intima sensibilidade é tambem, por sua vez, e necessariamente, uma forma de aprofundamento dos proprios talentos do artista. A intuição pode ser poderosa — é a fonte da arte. Mas a intuição não basta. O artista tem de alargar o ambito da sua inspiração natural para ir mais fundo e mais além. Já dizia Goethe que uma cantora de voz deseducada julgar-se-á, tristemente, incapaz de dar certas notas. E afinal uns meses de escola mostrar-lhe-ão o seu êrro. A sua incapacidade era apenas inexperiencia.

Eis o que acontecerá ao artista, por maior génio que ele seja, se não cultivar especialmente uma arte: se se não procurar exprimir preferentemente por uma, não atingirá jámais os pontos de comando indispensaveis para modular nela toda a escala tonal da sua personalidade humana.

Convem, todavia, não esquecer que grandes artistas existiram — e quantos não existirão hoje em dia! — que se revelaram subitamente grandes em formas de arte que secundariamente cult'varam. Não será o caso de Samuel Butler? Não será o caso de um Cellini? Não será até o caso de Delacroix?

Não ha nada mais dificil do que sabermos descobrir a nossa verdadeira *especialidade*.

* * *

José de Almada Negreiros foi, entre os artistas da sua geração, o mais *divergente*. Poucos artistas portugueses terão sabido como ele tocar tantos instrumentos. Almada foi bailarino; Almada é pintor, é desenhador, é vitralista, é poeta, é esteticista, é dramaturgo, é panfletario — é romancista, enfim. Aqui está um desses artistas em que falavamos ha pouco, dirão. Talvez. Mas, como todos os verdadeiros artistas, Almada tem revelado sempre uma tendencia dominante: Almada tem sido, essencialmente, plastico. Mas quem nos diz que a sua vocação não é outra? José de Almada Negreiros é, fundamentalmente, um homem que encontrou um estilo para dizer quanto vê, sente e pressente.

Já aqui temos falado insistentemente de *estilo*. Não é, pois, necessario repetir as considerações através das quais chegamos á compreensão de que *estilo* é uma forma pessoal de ver o mundo. Ora se estilo é isto — eis o que Almada possui: um *estilo* — uma maneira pessoal de ver o mundo.

Ha, porém, uma coisa a ponderar. Ha uma particularidade no estilo de Almada. Enquanto a maior parte dos artistas procuram o seu estilo dentro de certas formas classicas de expressão, Almada vai ao principio de tudo. Por isso o seu estilo é uma recriação infantil da realidade. Não sei se me faço compreender: o estilo é para a grande maioria dos escritores uma forma *erudita* de fixar a realidade. De acôrdo com uma tradição de seculos, a grande maioria dos escritores modela a sua visão da realidade numa materia já não de todo informe. Podemos dizer que quasi todos os escritores procedem para com a lingua como um escultor para com uma estatua começada por outro. Numa figura já modelada em barro pode qualquer escultor completar a imagem que traz na cabeça. Aproveitando o que está feito, o escultor completará a imagem que quere realizar: aproveitar-lhe-á os braços, as pernas, a cabeça, para lhes dar uma expressão sua. Assim chegará mais depressa e mais perfeitamente á obra com que sonhára. Não terá necessidade de ir ao principio de tudo. E o facto de não ter de principiar do *nada* dá-lhe maior segurança: tem tempo de ir mais longe do que aquele que tudo fará por si.

Ora José de Almada Negreiros começa por amassar o barro da sua estatua: o barro da sua expressão. Assim o seu estilo é um recomeçar de tudo: um principio do mundo.

José de Almada Negreiros acaba de publicar um romance. Não faltará quem me censure — a mim director da Colecção em que José de Almada Negreiros publica o seu livro — de eu vir aqui falar do romance escolhido para a colecção que dirijo. Como se eu não estivesse no direito de apreciar uma obra que não escrevi... Mas não me limitarei a isso: felicitarei, cordialmente, os dirigentes das Edições Europa por terem tido a coragem de lançar a publico uma obra desde 1925 condenada ao silencio de uma gaveta. Pela coragem revelada no lançamento desta obra e pela coragem com que abriram a sua casa aos *Autores Modernos Portugueses* até hoje repudiados pelos editores. Ainda bem que podemos dizer que ha editores portugueses com respeito pela cultura.

Nome de Guerra é, pois, o primeiro volume da *Colecção de Autores Modernos Portugueses*, que as Edições Europa me deram a honra de dirigir. *Nome de Guerra* não é o primeiro romance (a primeira novela, mais propriamente) que José de Almada Negreiros publica. Em 1915 publicou *A Engomadeira*. Mas *Nome de Guerra*, que José de Almada Negreiros diz ter escrito pensando no publico, é, de facto, uma obra mais acessivel do que aquela. E' um romance quasi objectivo. Não sempre. Mas em muitos dos seus capitulos José de Almada Negreiros atinge uma objectividade que poucos escritores de romance têm conseguido entre nós. As suas personagens vivem. Quere dizer: José de Almada Negreiros só não escreveu um romance inteiramente objectivo e articulado pelo seu proprio drama pelo pessoalismo que Almada põe em tudo quanto escreve. O seu talento de escritor é dominado pelo seu temperamento de artista. Quere dizer: aquele escritor disciplinado — especializado, diriamos melhor — produto do convivio entre o artista que todo o escritor tem de ser e a sua experiencia de determinada forma de arte, não aparece sempre nesta obra, porque o artista que Almada é não tem querido deixar viver o escritor que dentro dele dorme. Assim o romance *Nome de Guerra* tem de ser encarado antes de mais nada como um romance de um homem que não quis ser romancista. Que quis ele então? Coisa muito menos complicada: quis desenhar um certo episodio, quis ver com olhos de criança um aspecto do mundo que a sua sensibilidade lhe fez sentir como homem. Quere dizer: a historia contada no seu romance não é infantil. Pelo contrario. Ha nela uma experiencia da vida bem de adulto. O que nela é infantil é o desenho: o estilo grafico com que Almada a escreveu. Daí os seus contôrnos — o seu desenvolvimento — serem faceis, quasi romanticos: um rapaz provinciano aproxima-se de uma mulher de clube por quem gasta contos de reis, com indiferença, deixando morrer na terra a Maria que o espera em vão. Não ha nada mais simples. Não ha nada mais ingenuo. Mas Almada consegue dar-nos uma Judite — a rapariga de clube — com uma realidade simultaneamente pitoresca e profunda. Almada não quere ver as suas personagens por dentro. Quere dar-nos delas desenhos cheios de perspicacia: com tanto humor como lirismo. O retrato de Ahtunes é talvez mais profundamente visto que o de Judite, mas menos vivo. Por uma razão: Almada começou por no-lo mostrar como que estranho a ele proprio, Almada, e acabou por identificá-lo consigo mesmo, Almada. Antunes não é Almada enquanto não entra na intimidade de Judite; mas depois é-o. Daí um certo desencontro entre as suas atitudes de tímido quando vai pela primeira vez ao clube com um tal D. Jorge e o seu desembaraço de céptico quando a ele volta pela ultima vez. E é preciso não esquecermos que a vida das personagens de romance é feita de verosimilhança: de reacções psicologicamente possiveis.

Uma das coisas mais admiraveis deste livro é a naturalidade do dialogo. Diga-se de passagem que todo o livro é como que escrito em estilo oral. Daí a sua frescura, a sua fôrça, a sua graça, a sua naturalidade. Quando é o romancista quem fala a linguagem é como que uma criação grafica do que descreve: Almada fala como uma criança que abrisse a bôca pela primeira vez para dizer á sua vontade o que lhe apetecesse. «Era uma franganita para o D. Jorge» escreve ele algures «mas naquele repente estava tão decidida que era a maior de todas quantas iam no carro. E atirou com a garrafa para longe. Ouviu-se o fim da garrafa contra um muro». Repare-se no ultimo periodo. *Ouviu-se o fim da garrafa contra um muro.* E' esta uma frase totalmente ilogica para quem a não queira ler com os sentidos. E' ininteligivel á razão. Mas inteligivel aos sentidos, que, postos em movimento pelo *fim da garrafa* a ouvir-se contra um muro, sentem, de facto, o som do vidro estilhaçado: sentem e vêem. Eis a melhor maneira de despertar os sentidos: dar-lhes associações imprevistas. Todo o estilo de José de Almada Negreiros está cheio destas sinteses graficas.

E' claro que esta maneira infantil de olhar o mundo dá a tudo quanto Almada descreve uma aparencia caricatural. Daí o humor do seu livro. Dir-se-á que Almada brinca com a propria dôr. O proprio heroi se caricatura a si mesmo. A movimentação das cenas tem por vezes o seu quê de cinematografico. Almada encontra-se com os mais originais romancistas ingleses. Veja-se como ele pormenoriza esta fala de D. Jorge: «— Homens como este... declarava o experimentado — homens como este... e repenicava com o indicador no mesmo sitio da toalha — homens como este queria eu vê-los a meu lado todos os dias e não esta choldra que agora aparece por aí! Homens como este... e confiava em que acabaria por encontrar uma continuação como da primeira vez — homens como este... e evitava olhar para o Antunes com mêdo de que não saísse diferente: — homens como este... é que é! O resto é caca!...».

O desenho psicologico entrelaça-se ao desenho fisico da personagem para compôr um quadro directo — vivo. Estamos a ver D. Jorge por dentro e por fora ao mesmo tempo. As palavras de Judite ressumam caracter e verdade. Quando quere ser terna e quando quere ser hábil, quando quere ser sinuosa e quando quere ser violenta, Judite sabe sê-lo. Nós sentimos-lhe a natureza a encontrar as palavras que a astucia lhe ensina. Ha dialogos entre Judite e Antunes verdadeiramente magistrais. E que romancista já teria tido a coragem de transcrever com tanto realismo uma fala terna e mimenta como esta?: — «Tu tás zangadinho ca tua Judita? Tás, tás, sim, sim. O mim vê tudo co o meu ólinho marôto. E este dedinho pininino diz tudo ao ouvidinho do mim. Ele disse ao mim que o Luiz tá muito aborrecidino co a Juditezinha, que é muito mázona, muito muito, muito!». Que verdade e que frescura!

Para que José de Almada Negreiros tivesse aproveitado todas as belas qualidades que revela como romancista bastaria ter evitado certa precipitação da acção, certa prolixidade de frase, certo abuso de estilo conceituoso e certas divagações de uma filosofia que quando não é poetica corre o risco de ser verbalista. Mas o que não ha duvida é *Nome de Guerra* ser uma obra cheia de originalidade e de frescura: uma obra rara entre nós.

JOÃO GASPAR SIMÕES

UMA NOVELA

Constantina

(Continuação da pagina anterior)

—Vais?

—Conforme...

—Conforme o quê?

—Conforme tu queiras... vou ou fico...

—Fica!—comandou ela, em voz imperiosa e num tricolejar de dentes em nervosismo. E sorria num soriso falso e trémulo. Leonel não se moveu, como hipnotisado, preso dos seus grandes olhos.

Constantina de cabeça alta, o olhar firme, fitava o alto das rochas, e bulindo fracamente os beiços, continuava:

—Com que pressa ele caminha pelas escaleiras! Vem descer á praia...

—Quando chegar já cá me encontra,—respondeu insubmisso e calmo o rapaz.

—E se te bate, que farás?—preguntou ela com firmeza.

—Não sei...

Ela desceu o olhar envolvendo-o numa grande onda de ternura selvagem e alargou o seu belo sorriso de vinte anos.

—Vem perto!—avisou ela quasi por entre dentes. Levanta-te!—disse a Leonel. Este obedeceu, e ambos, recuando um passo, se encostaram á rocha.

João Rufino, estaria, quando muito, a vinte passos.

—Que fazes, aqui, tratante?—vociferou apoplético, como fora de si, o pai aproximando-se.

—Entretenho-me um pouco. Não é muito para quem tanto trabalha...

—E eu que concerte sózinho o tresmalho!...

—Quando vens para casa?

—Quando calhar!...

—Quando calhar, não! Vens mas é já. E João Rufino adiantou-se, para o agarrar.

—Não me pegues!—disse Leonel. Lembra-te de que já sou um homem!...

—Ah! já és um homem?... Então, toma!

E Rufino, fechando o punho, atirou um forte murro ao peito do rapaz. Este, longe de fugir, cresceu para o pai, abarcando-o, sacudiu-o a um e outro lado, com força.

Os dois homens lutaram, por momentos, pretendendo derrubar-se.

O pai esbaforia-se, arquejava, tinha espuma nos beiços.

Constantina continuava arrumada á rocha, envolvendo os dois num olhar luminoso e cru, e sorria.

Mais dois grandes impulsos, e Rufino caiu de costas, ligado ao filho de borco sobre o pai. Leonel cerrou o punho e ameaçava soquear o rosto do velho, mas, de repente, levantou-se, e disse-lhe, fugindo:

—Não tebato porque és meu pai!...

Rufino, que se puzera em pé, puxou das dobras da cinta uma navalha e fê-la estalar, abrindo-a. Tinha o rosto congestionado, o pescoço como inchado, os olhos vermelhos e estrebuchava-lhe a mandibula, mas, de subito atirou a navalha ao chão, e, com os olhos em lagrimas, deitou a mão ao peito, com quem o arrepanhava.

—Não fôsses tu meu filho!—rouquejou. Cabra!—invectivou ele Constantina, envolvendo-a num olhar fulgurante. Era isto o que querias?...

—Velho atum!—lintou-se ela a dizer, num sorriso ironico. Correu a apanhar a navalha e dirigiu-se para Leonel, caminhando a seu lado.

Ovelho voltou costas e pôs-se a caminhar lentamente para a «Praia das Artes».

Constantina e Leonel, braços por sôbre os ombros, entrelaçados, caminhavam para o ponto oposto, para o lado das rochas, onde as sombras se acentuavam, fazendo adivinhar reintrancias cavadas, sôpros de brisa refrigerante, flutissonações undivagas em misteriosas furnas.

Na «praia dos barcos», ao longe, «varavam» calões. Duas lanchas, baboleando-se nas ondas, desfraldavam velas, e aproadas, singravam para o vasto interior. As aves marinhas continuavam, no seu como brinquedo, fugindo e perseguindo-se. O sol dardejava milhões de sorisos no setim brunido do espelho. Sossobravam as ondas como em segredo, amorosamente, quais loucas ondinas de empoadas cabeleiras, gentis filhas do mar.

EUGENIO VIEIRA